



**Programa de Pós-Graduação (Mestrado Educacional) em Gestão e
Práticas Educacionais (PROGEPE)**

ROSEMEIRE FLORES DA SILVA FREIRE

**Da resistência à literatura poética
à literatura poética de resistência**

Literatura e fazer poético na formação
educadora emancipatória

São Paulo, SP
2024

ROSEMEIRE FLORES DA SILVA FREIRE

Da resistência à literatura poética à literatura poética de resistência

Literatura e fazer poético na formação
educadora emancipatória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
(Mestrado Educacional) em Gestão e Práticas Educacionais
(PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE),
como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Educação. Linha de Pesquisa (LIMAPE)

Orientadora: Profª Drª Marcia do Carmo Felismino Fusaro

Versão corrigida

São Paulo, SP
2024

Freire, Rosemeire Flores da Silva.

Da resistência à literatura poética à literatura poética de resistência
literatura e fazer poético na formação educadora emancipatória. /
Rosemeire Flores da Silva Freire. 2024.

85 f.

Dissertação (Mestrado)- Universidade Nove de Julho - UNINOVE,
São Paulo, 2024.

Orientador (a): Profª. Drª. Márcia do Carmo Felismino Fusaro.

1. Educação. 2. Arte. 3. Literatura periférica. 4. Poesia
emancipadora. 5. Resistência. 6. Slam.

I. Fusaro, Márcia do Carmo Felismino. II. Título

CDU 372

ROSEMEIRE FLORES DA SILVA FREIRE

Da resistência à literatura poética à literatura poética de resistência

Literatura e fazer poético na formação educadora emancipatória

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
(Mestrado Educacional) em Gestão e Práticas Educacionais
(PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE),
como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Educação. Linha de Pesquisa (LIMAPE)

Orientadora: Prof^a Dr^a Marcia do Carmo Felismino Fusaro

São Paulo, 02/12/2024

Presidente Orientador(a): Prof^a D^a Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE)

Examinador(a) titular I: Prof^a D^a Rosiley Aparecida Teixeira (UNINOVE)

Examinador(a) externo(a) titular II: Prof^a Dr^a Elisabete Alfeld Rodrigues (PUC-SP)

4. Examinador(a) Suplente I: Prof. Dr. Maurício Pedro da Silva (UNINOVE)

Examinador(a) Suplente Externo II: Prof^a Dr^a Diana Navas (PUC-SP)

**São Paulo, SP
2024**

DA RESISTÊNCIA À LITERATURA POÉTICA À LITERATURA POÉTICA DE RESISTÊNCIA

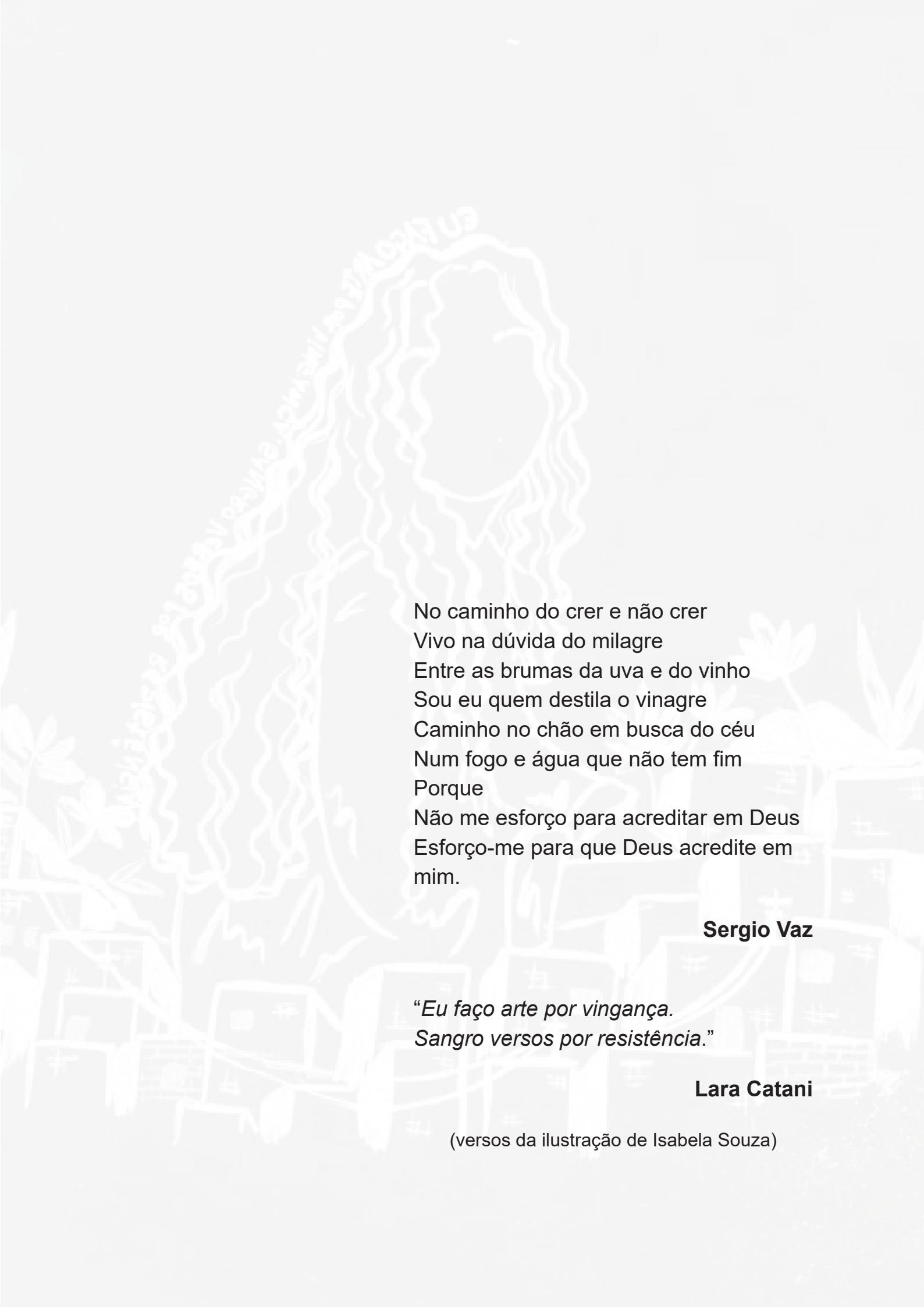
Literatura e fazer poético na formação educadora emancipatória



Rosemeire Flores da Silva Freire



Ilustração de Isabela Souza



No caminho do crer e não crer
Vivo na dúvida do milagre
Entre as brumas da uva e do vinho
Sou eu quem destila o vinagre
Caminho no chão em busca do céu
Num fogo e água que não tem fim
Porque
Não me esforço para acreditar em Deus
Esforço-me para que Deus acredite em
mim.

Sergio Vaz

*“Eu faço arte por vingança.
Sangro versos por resistência.”*

Lara Catani

(versos da ilustração de Isabela Souza)



Dedico este trabalho às pessoas que acreditaram em mim e no meu fazer: meu filho, minhas amigas Maria das Graças Lopes, Ana Carla Lourenço Ximenes, e todos que contribuíram para que este sonho se realizasse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
DA RESISTÊNCIA À LITERATURA POÉTICA À LITERATURA POÉTICA DE RESISTÊNCIA	15
1. LEITURA E LITERATURA PARA JOVENS DA PERIFERIA	19
1.1 A MEDIAÇÃO DE CONTEÚDO FEITA PELA PROFESSORA DENTRO E FORA DA ESCOLA	27
2. AEL E SLAM: LEITURA EM MOVIMENTO	31
2.1 AEL: O QUE É?	31
2.2 SLAM INTERESCOLAR	35
2.2.1 HISTÓRICO DO SLAM	35
2.2.2 A INTERVENÇÃO 2023	39
2.2.3 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA INTERVENTIVA	40
2.2.4 CONCLUINDO O SLAM 2023	45
2.2.5. LARA CATANI, 14 ANOS: VENCEDORA DO SLAM DO ARTIGAS 2023 POEMA: “E AÍ, INDEPENDÊNCIA OU MORTE?”	44
2.2.6 ESCUTANDO OS MAIS EXPERIENTES	50
2.2.7 OUTRO POEMA DE LARA CATANI: “POR UMA EDUCAÇÃO QUE LIBERTA”	54
3. ARTE E LITERATURA UMA RELAÇÃO INERENTE	57
3.1 TEMPO E ESPAÇO PARA ESCUTAR	58
3.2 DESBRAVANDO TERRITÓRIOS, CONSTRUINDO REPERTÓRIOS	60
4. O ANO VIROU E 2024 CHEGOU...	63
4.1 PROJETO “FÁBRICA DE LIVROS DA TARSILA” TRANSFORMANDO SONHOS EM LIVROS	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXO: AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, VOZ, NOME E DADOS BIOGRÁFICOS	81

RESUMO

Esta pesquisa aborda a relação dos estudantes do 6º ao 9º ano com a literatura periférica e a razão pela qual a poética própria dessa literatura parece tão sedutora aos alunos nessa fase escolar. O universo da pesquisa é uma escola da rede municipal da zona leste de São Paulo. Parte-se da hipótese de que aproximar a poesia de resistência, originada fora da Escola, e a poesia canônica, estudada dentro da Escola, sem dissociar o caráter de luta por um lugar de fala, pode se mostrar como um método educacional emancipador, estimulando novas leituras, poéticas ou não, e até mesmo servindo como fonte de repertório para novas produções. Resistência essa que aparece aqui não somente como palavra mas como um sentimento, que na escrita abordam variados temas, e que reivindicam sua presença através da literatura, na escrita de poemas autorais, rompendo com a invisibilidade impostas pelas estruturas de poder. A indisciplina dos adolescentes, alegada muitas vezes por professores, bem como a evasão e falta de interesse nas aulas, talvez resulte da falta de uma melhor compreensão sobre o universo emocional dos jovens. A escola pede o básico, ler e escrever, quando o que muitos gostariam de receber é a provocação de um fazer poético criativo, crítico e emancipador, portanto, *educador*. Não é incomum ver muitos desses adolescentes participando de encontros

sobre poesia fora da Escola, durante os quais chegam a se apresentar com envolvimento e protagonismo, decorando textos extensos declamados com desenvoltura, e até mesmo textos autorais repletos de informações socioculturais que os representam, mas que, em geral, não são devidamente aproveitadas pela escola. Por meio de ações interventivas como rodas de conversa, visitas culturais para além do território, saraus e concursos de *slam* é que pretendemos proporcionar o contexto de desenvolvimento desta pesquisa.

A escolha de apresentar a dissertação em formato de colunas, acompanhadas de ilustrações e fotos, é amplamente justificada tanto pela natureza do trabalho, quanto pelos objetivos de divulgação e publicação futuros, em formato de revista, permitindo ampla circulação. Em um Mestrado Profissional em Educação que se dá por uma Pesquisa de intervenção, é fundamental que o conteúdo seja acessível e visualmente atraente, já que a prática profissional e a aplicabilidade dos resultados são centrais, permitindo assim contribuir para a construção de uma identidade do Mestrado Profissional em Educação que ainda é recente nas academias se pensarmos historicamente.

Palavras-chave: Educação, Arte, Literatura periférica, Poesia emancipadora, Resistência, *Slam*.

ABSTRACT

This research addresses the relationship between students from the 6th to the 9th year with peripheral literature and the reason why the poetics of this literature seem so seductive to students at this school stage. The research universe is a municipal school in the east zone of São Paulo. It is based on the hypothesis that bringing together resistance poetry, originating outside the School, and canonical poetry, studies within the School, without dissociating the character of struggle for a place of speech, can prove to be an emancipatory educational method, stimulating new readings, poetic or not, and even necessary as a source of repertoire for new productions. This resistance appears here not only as a word but as a feeling, which in writing addresses varied themes, and which claims its presence through literature, in the writing of authorial poems, breaking with the invisibility imposed by power structures. The indiscipline of teenagers, often alleged by teachers, as well as their avoidance and lack of interest in classes, may result from the lack of a better understanding of the emotional universe of young people. The school asks for the basics, reading and writing, when what many would like to receive is the provocation of creative, critical and emancipatory poetic making, therefore, an educator. It is not uncommon to see many

of these teenagers participating in poetry meetings outside of school, during which they present themselves with involvement and protagonism, memorizing extensive texts recited with ease, and even authorial texts full of sociocultural information that represents them, but which, in general, are not properly used by the school. Through interventional actions such as conversation circles, cultural visits beyond the territory, soirees and slam competitions, we intend to provide the context for the development of this research.

The choice to present the dissertation in column format, accompanied by illustrations and photos, is largely justified both by the nature of the work and by the objectives of future dissemination and publication, in a magazine format, allowing wide circulation. In a Professional Master's Degree in Education that takes place through intervention research, it is essential that the content is accessible and visually attractive, since professional practice and the applicability of results are central, thus allowing it to contribute to the construction of an identity for the Master's Degree. Professional in Education who is still new to academia if we think historically.

Keywords: Education, Art, Peripheral Literature, Emancipatory poetry, Resistance, Slam.



SOBRE A AUTORA

Rosemeire Flores da Silva Freire é meu nome. Tenho 53 anos. Sou professora da Educação Básica, fundamental 1, na Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo (SP). Atualmente, estou trabalhando como Professora Orientadora de Sala de Leitura (POSL) em uma unidade escolar da região da periferia da zona leste que atende crianças, jovens e adultos.

Desde criança me vejo como professora, pois já dava aulas aos 10 anos e até recebia por isso. Fui aos poucos buscando me inserir na educação. Depois do Fundamental, busquei o magistério e segui na educação, sempre pensando meios para torná-la leve, atraente tanto para crianças como para jovens e adultos.

Sou formada nos cursos de Magistério (1992), Pedagogia (1998), Artes Visuais (2016), História (2019). Tenho pós-graduação em Docência do Ensino Superior (2014) e em Corpo e Movimento: concepções e práticas educativas (2020). Também frequentei cursos oferecidos por sindicatos, todos ligados à Educação. Alguns antigos, oferecidos pela rede pública, e outros mais atuais como: “O currículo das tecnologias para aprendizagem para educação de jovens e adultos: Um compromisso com a integralidade dos saberes”, “Inteligência Artificial – Oportunidades e desafios”, “Problemas de Aprendizagem na perspectiva da compreensão” para inclusão” e “Mulheres,

Dia-a-dia AEL (2023). Acervo da autora.



Acervo da autora

diversidade e racismo: um caminho de lutas e resistências” (todos 2020 vivendo a pandemia com sabedoria). Pela USP, fiz extensões em Direitos Humanos e o curso “Repensando Currículo Projetos de vida e cidadania”.

Minhas áreas de interesse são teatro, cinema, livros, cursos e palestras. Gosto de pesquisas, estudos, *lives* e debates sobre temas que mostrem lutas sociais, respeito à diversidade e combate à desigualdade.

Meu foco de interesse pessoal é a *leitura* e seus desdobramentos, pensada como um direito de todos e um meio de inserção social. Directamente vinculada ao exercício da leitura, também apostei na *escrita* como um meio de registro e aprofundamento do que é lido e

entendido.

Meu objetivo neste Mestrado é trabalhar e compartilhar com outros professores, direta ou indiretamente, a relevância da validação dos conhecimentos oriundos do entorno da Escola e que acompanham seus estudantes, para uma Educação que busque mais equidade e respeito à diversidade, encorajando uma vida escolar com engajamento e vida social participativa.

O projeto surgiu da observação que tenho feito, enquanto professora, do território de falas entre professores de Língua Portuguesa e Literatura das escolas públicas municipais da região de Sapopemba, São Paulo, que, em sua maioria, infelizmente não valorizam a

cultura que vem das periferias, não veem significado nas construções poéticas de seus estudantes e alegam até mesmo o risco de a poesia periférica fazer desaprender a forma culta das palavras. Logo de início, é importante deixar claro que não se trata aqui de desvalorizar a importância do uso da norma culta nos contextos em que está se faz necessária. No entanto, é fundamental pensarmos também, para a Educação contemporânea, em possíveis caminhos reparadores da separação abismal e preconceituosa entre as culturas popular e erudita, separação que foi criada no ambiente escolar ao longo do tempo. Nascidos desse olhar polarizador, seus inúmeros desserviços para uma formação cidadã já não cabem em uma educação condizente com as necessidades do século XXI.

Dentro desse contexto, também é importante ouvir a fala de jovens participantes de saraus – que acontecem em vários locais fora da escola. Jovens que não têm oportunidade de se expressar de maneira mais livre dentro da escola, e que não têm sua fala ou escrita valorizada nos engessados contextos e ambientes escolares. Diante disso, proponho exemplificar na prática as participações dos estudantes e suas produções culturais, de modo a verificarmos que é possível, sim, partir da escola como microssociedade valorizadora dos diálogos aproximativos entre a arte e a cultura popular e a erudita, rumo a uma macro-sociedade que possa espelhar isso como base para uma formação mais plena e mais plena e cidadã.

Dia da Família (2023)



Acervo da autora

Introdução

DA RESISTÊNCIA À LITERATURA POÉTICA À LITERATURA POÉTICA DE RESISTÊNCIA

Literatura e fazer poético na formação educadora emancipatória

A escolha de apresentar a dissertação em formato de colunas, acompanhadas de ilustrações e fotos, é amplamente justificada tanto pela natureza do trabalho, quanto pelos objetivos de divulgação e publicação futuros, em formato de revista, permitindo ampla circulação.

Em um Mestrado Profissional em Educação que se dá por uma Pesquisa de intervenção, é fundamental que o conteúdo seja acessível e visualmente atraente, já que a prática profissional e a aplicabilidade dos resultados são centrais, permitindo assim contribuir para a construção de uma identidade do Mestrado Profissional em Educação que ainda é recente nas academias se pensarmos historicamente.

A inclusão de ilustrações e fotos e vídeo é essencial em uma pesquisa interventiva, pois enriquece a descrição das intervenções e dos contextos em que elas ocorrem, oferecendo ao leitor uma compreensão visual e mais intuitiva do impacto e da aplicação prática dos

métodos e soluções propostos. (créditos nas considerações finais).

Assim ao adotar essa abordagem, a dissertação não apenas cumpre os requisitos acadêmicos, mas também se alinha com as melhores práticas de divulgação científica e profissional, aumentando significativamente as chances de publicação e alcance do conteúdo em fóruns relevantes, tanto acadêmicos quanto profissionais.

Esse trabalho tem como justificativa a relevância da Poesia dentro do cotidiano das pessoas e suas formas de expressá-la, o quanto as pessoas vivem a poesia em suas vidas cotidianamente e muitas nem se dão conta, o quanto a ela vem tomando seu espaço de existir fora de espaços determinados, o quanto a poesia se coloca como ferramenta de resistência, empoderamento da população no geral, independente de idade, gênero, etnia. “A Arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha.” (Deleuze 1992, p.215)

Destaco aqui que a Poesia tem vida e promove vida, e como ela é importante dentro do currículo da escola, permitindo os sonhos, permitindo a reflexão do cotidiano de uma maneira menos doída.

Quando pensamos a escola como uma pequena parcela da sociedade com plena participação e aceitação social, com direitos de acesso à cultura e a bens culturais garantidos pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 215 que diz: O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Direito expresso nos currículos escolares da prefeitura da cidade de São Paulo, a qual faz parte a escola aqui pesquisada, pensamos também: É possível dar voz e permitir a estudantes se expressarem através da arte e da literatura? E isso nos instiga a verificar o quanto os estudantes podem mostrar seus interesses e inquietações através de suas leituras e construções poéticas, e juntamente com desenvoltura na performance que aparece nos Sarau e encontros de trocas existentes nas periferias, movimento esse que também alcançou o contexto da escola aqui pesquisada. O propósito dessa pesquisa é mostrar como é possível que isso aconteça, valorizando o que há no currículo sem se manter engessado a ele. O universo da pesquisa é uma escola municipal da Zona Leste de São Paulo, e as intervenções se darão com estudantes do 6º ao 9º ano.

As intervenções se deram com acesso à cultura e bens culturais, a Arte em suas diferentes formas, espaços democráticos de ação cultural, que emergem como necessidade nas escolas públicas da Cidade de São Paulo. Visitamos museus, exposições, teatros e lançamentos sempre com finalidade de repertoriar e formar enquanto público apreciador. Resultado apresentado nos textos autorais apresentados pelos estudantes, bem como na demonstração de apreciação nos relatos em roda de conversa.

A escola aqui pesquisada como um exemplo de escola contemporânea se apresenta ainda refém dos capitalismos e suas formas de produção, haja visto a própria configuração desse e de outros prédios escolares, que são setorizados, conteúdos subdivididos nas disciplinas, sem se considerar as relações, as interfaces a mediação e os espaços físicos atrativos.

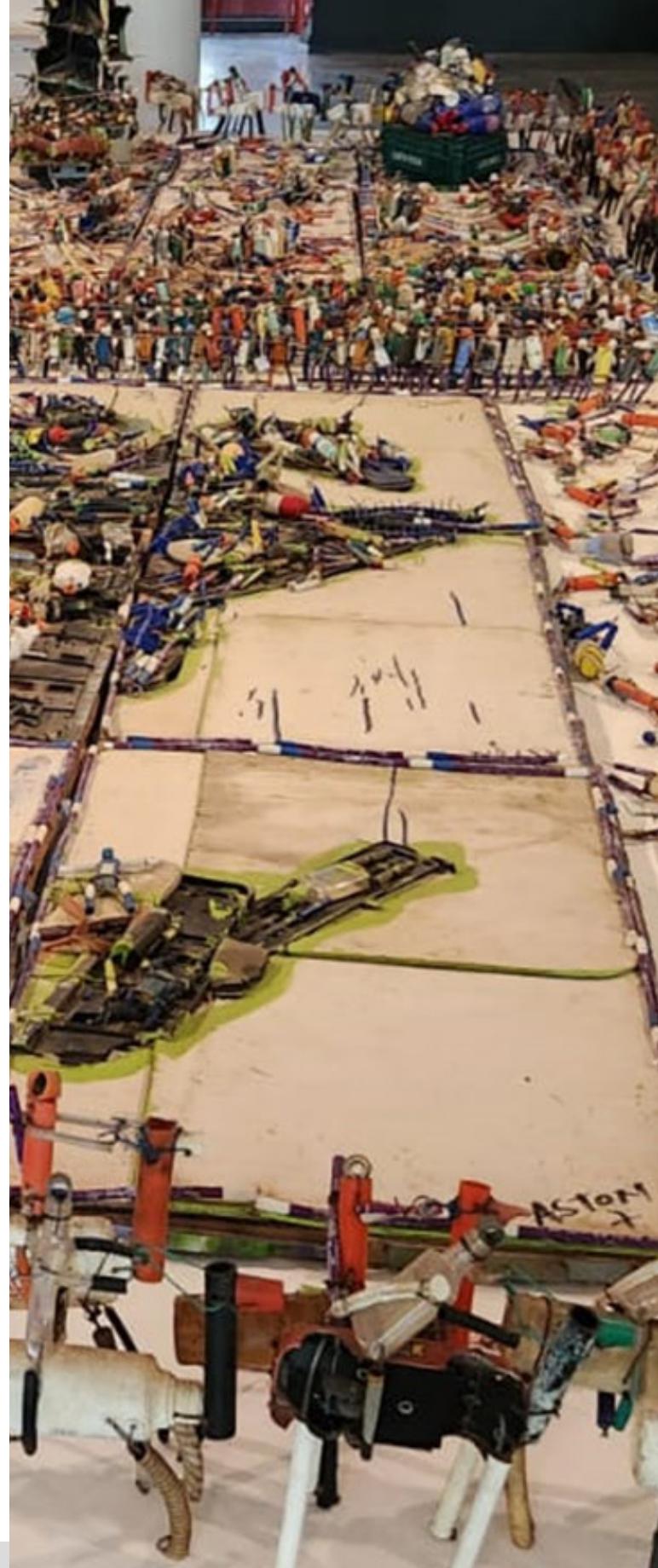
Cada tempo e espaço de uma escola determina a relação educativa que se faz, e cabe a escola ressignificar seus espaços, considerando amplitude que o acesso a Cultura e bens culturais podem diversificar e ampliar o entendimento e pertencimento dos estudantes. Essa pesquisa interventiva tem essa intenção.

A escola não deve estar ligada diretamente ao capitalismo, se faz necessário as políticas públicas para garantir autonomia criativa da escola, e que o acesso a Cultura seja tratado como

de fundamental importância, como parte do próprio currículo, pois a Arte seja em seus diversos formatos incluindo o digital, tem se mostrado como uma forma de superação de conflitos coletivos e individuais, chegando a afetar o campo das interações (haja vista a Arte durante o período de isolamento na pandemia do Covid-19, 2020-2021)

Há de se juntar educadores e educandos em uma forma dialética que o resultado será a expressão da Cultura dentro e fora das escolas. Para subsidiar a pesquisa e enriquecer o trabalho trouxemos o apoio de grandes autores como: Paulo Freire,(1989), Antônio Cândido(1995), Deleuze e vGuattari (1991), Octavio Paz(1982, Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Suely Rolnik (2010), Djamila Ribeiro(2017), entre outros citados posteriormente na bibliografia, todos contribuíram para que esse trabalho transcorresse com embasamento e fluidez, seja como citação ou inspiração, permitindo – nos compreender que filosofia, literatura e poesia resultam em Arte, e que todas essas interfaces juntas são, sim, Ciência e uma Ciência que leva em consideração quem dela faz parte.

Acervo da autora



Aula na Sala de Leitura



Acervo da autora



Leitura e literatura para jovens de periferia

Foi com a leitura literária que consegui atender aos jovens que chegavam para a aula completamente desestimulados ao retornar à escola presencialmente, após o período de isolamento, em que as escolas estavam fechadas, para garantir o não-contágio de Covid-19. Era o 2º semestre de 2021. Ainda vivíamos um período delicado, muitos deles doentes, com muitas perdas. Como acolher na escola muitos estudantes que chegavam sem esperança, depois de tantas violências sofridas? Eles deixavam transparecer várias desigualdades sociais em que estavam inseridos: de classe, cor, gênero e muitas outras classificações impostas pela sociedade. Os estudantes acessavam o conteúdo de modo virtual, em horários alternativos, muitas vezes pelo celular próprio ou do responsável, mas nem todos com esse acesso garantido; boa parte dos estudantes atendidos por essa escola da pesquisa não possuíam celular nem Internet, muito menos computadores; a estes eram ofertados livros didáticos e folhas fotocopiadas com atividades, a serem retirados na própria escola (que mantinha um plantão de atendimento). O que trouxe à tona mais uma amostra gritante das desigualdades sociais que assolam o Brasil. Os estudantes ficavam em casa, mas seus pais, trabalhadores que não podiam se isolar, iam e vinham do trabalho, o que

ocasionou em vários contágios, e com os contágios as sequelas da doença. Ansiedade e depressão chegaram à escola junto com os estudantes. E agora, como lidar com isso?

Em meio à grande defasagem provocada por quase dois anos fora da escola, em condições adversas de aprendizagem e falta de recursos tecnológicos, foi um grande desafio levar estudantes adolescentes completamente imersos nas tecnologias, como os celulares, a ler e, sobretudo, entender o que estavam lendo, para produzir questionamentos nas rodas de conversa, interligando as novas competências e habilidades exigidas para o século XXI.

Nesse contexto, a Literatura – algo vivo-pulsante, que mostra através do tempo diversas realidades, acontecimentos e transformações sociais –, como diz Deleuze, é uma força dinâmica que está sempre em processo de se reinventar e de nos fazer pensar de maneiras diferentes sobre o mundo e sobre nós mesmos, que é onde podemos nos amparar, buscar interligações e interações entre os diversos ambientes de aprendizagem. A Literatura como ponte para acessar esses estudantes. De tal modo, ela influencia e é influenciada como um ato libertário e libertador, uma reação de prova de vida, indignação e atuação. “[...] vivo a história como tempo de possibilidade não de determinação.” (Paulo Freire, 2000, p. 36)

Tudo isso apresentado pelos

estudantes, propus que escrevessem, em versos, suas indignações. Foi uma verdadeira terapia de leitura e escrita para eles. Penso que a escola não pode estar alheia às dificuldades por eles trazidas e à necessidade de acolhimento, tão desejada. Assim, esse momento será sempre primordial.

Paulo Freire (1996) é um educador brasileiro, considerado um dos mais importantes do século XX. Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, acreditava que o *afeto* era essencial para o processo de ensino e aprendizagem, que o amor, o respeito e a confiança eram fundamentais para criar um ambiente de aprendizagem significativo e estimulante. É isso que tento fazer a cada aula e a cada encontro dos projetos, tanto na AEL (Academia Estudantil de Letras) como no *Slam*: criação de poesias e performances.

O conceito de literatura *viva*, para José Régio (1978), sugere que, em Arte, é vivo tudo o que é *original*. E original é tudo que provém da parte mais virgem, mais verdadeira, mais íntima duma personalidade artística. A Literatura viva dialoga constantemente com nosso cotidiano, expressando de forma autêntica e vivida as experiências e emoções humanas. E isso, caro(a) leitor(a), é sim uma prerrogativa da Poesia, expressa aqui durante todo o processo dessa pesquisa intervintiva

A primeira condição duma obra *viva* é ter uma personalidade e obedecer-lhe. Ora, como o que personaliza um

artista é, ao menos superficialmente, o que o diferencia dos demais (artistas ou não), certa sinonímia nasceu entre o adjetivo “original” e muitos outros, superficialmente aparentados, como, por exemplo, “excêntrico”, “estranho”, “extravagante”, “bizarro”... Eis como é falsa toda a originalidade calculada e astuciosa. Eis como também é uma literatura *morta* aquela em que um autor pretende ser original sem personalidade própria. A excentricidade, a extravagância e a bizarria só podem ser poderosas quando naturais a um dado temperamento artístico, no sentido de que somos marcados pela época de nossa existência, pelo tempo e pelo contexto cultural, em que se inserem nossas tradições, nossos costumes, nem sempre são valorizados na Escola ou em Centros Acadêmicos. Aos estudantes que aqui destaco foi dito que estariam “livres em suas criações”, que “dessem vida e significado a elas”.

Segundo Rocha (2013), a produção cultural contemporânea apresenta uma transição daquilo que Antônio Cândido identificou na formação social brasileira como uma “dialética da malandragem” para outra forma de resolução que Rocha chama de “dialética da marginalidade”. Se, por um lado, a “dialética da malandragem” preconiza a conciliação através da articulação feita pelo “malandro” ao transitar entre a ordem e a desordem, a fim de ocupar um determinado espaço social, a “dialética da marginalidade” propõe uma superação da desigualdade

social, não mais pela conciliação, mas pelo confronto, expondo a violência de maneira nua e crua, através de sua produção cultural. Sendo assim, é possível perceber no texto de Carolina Maria de Jesus (1960) um estilo de escrita singular, que, aliado ao contexto em que produziu sua obra, representa a violência da sociedade brasileira, confrontando-a.

Nesse sentido, ainda segundo o autor, a escrita caroliniana inaugura um tipo de literatura que hoje se define como literatura marginal, posto que sua produção é feita por quem, historicamente, não teve voz: os marginalizados das periferias, prisões etc., cujos exemplos já conhecidos do grande público. Nomes como Paulo Lins, com *Cidade de Deus* (1997), e Ferréz, com *Capão Pecado* (2000), cuja produção é feita fora do campo literário, criam um novo espaço de cultural, capaz de tecer suas redes, que proliferam nos diversos saraus e encontros literários que ocorrem em diferentes espaços periféricos (especificamente na cidade de São Paulo) e que, na medida do possível, permitem fazer e circular essa produção cultural. Este, sim, é o movimento aqui proposto: dar voz aos estudantes, que entenderam o movimento que há nas periferias de se fazer presente em toda sociedade, ocupando espaços, como um direito de estar.

Érica Nascimento (2009, pp. 36-59) pensa e aborda a produção cultural feita nas periferias tomando como base de seu trabalho a formação, produção e

disseminação da literatura marginal, que vem acontecendo em uma crescente desde a virada do milênio. Já que o mundo não acabou, as periferias resolveram se inserir nele como atuantes e, entre outros, o campo das Artes e da Literatura foi o espaço que encontraram. Desta forma, Nascimento procura definir o conceito, retomando, inclusive, o termo criado nos anos 1970, na tentativa de explicar esse novo movimento surgido entre os anos 1990/2000, tendo como porta-voz inicial Ferréz, em 2001, com a obra *O dia a dia*.

Há algum tempo, a Literatura vem transbordando e aparecendo fora da escola, com autonomia dos estudantes, prescindindo da tutela de professores, aparecendo na forma da Literatura Marginal, ou Periférica (termos destacados a seguir), em prosa ou em versos, produzida em reuniões, saraus, slams, livros independentes, redes sociais, dando sentido e vazão a sentimentos, inconformismos, indignações.



Por estar inserida nos movimentos dos Saraus, tenho acesso a grandes nomes e trago aqui, para falar sobre os termos “Marginal” e “Periférico”, uma conversa realizada por WhatsApp com a Dra. Maria Nilda de Carvalho Mota (“Dinha”) que vivenciou os movimentos criativos na Literatura que abordavam tais conceitos:

LITERATURA MARGINAL. Este conceito surge, inicialmente, na década de 1970, com jovens artistas de classe média que contestavam o *status quo* e inventaram novas formas de produção e circulação da Literatura. Ficaram conhecidos como a “geração do mimeógrafo”. Entre eles temos Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski.

No final dos anos 1990 surgiu, por sua vez, uma nova geração autointitulada “marginal”, mas, diferentemente daquela da década de 1970, estar à margem não era uma escolha, já que seus autores e autoras, moradores das periferias paulistanas, nunca haviam ocupado o centro, ou seja, não figuravam na Literatura como sujeitos e protagonistas, nem do ponto de vista da autoria nem como personagens. Um marco definitivo para a escolha deste termo – “marginal” – foi a publicação das edições especiais de Literatura Marginal, da revista *Caros Amigos*, puxados por Ferréz, a partir de 2001.

A partir de 2006 começa a ganhar força o termo *Literatura Periférica*, quando se reúnem outros nomes dessa literatura produzida nas periferias e que buscavam uma autoidentificação atualizada e que impedissem a confusão com ‘marginais’ da década de 1970. O marco para esse termo pode ser pensado na publicação da Coleção “Literatura Periférica”, da Global Editora.

Entretanto, *Literatura Marginal*, dos anos 1990, e *Literatura Periférica*, mais tardio, são sinônimos, mantendo as mesmas características de estilo, condições de produção e, inclusive, os mesmos expoentes: Ferréz, Sérgio Vaz, Dinha, Elizandra Souza, Allan da Rosa, entre outros.



Conversa com a autora e produtora de livros Maria Nilda de Carvalho Mota em visita a sala de leitura (acervo da autora).

Voltando a falar sobre as vozes *silenciadas*, que o objeto dessa pesquisa interventiva, temos outros autores que nos elucidam com suas palavras.

Gayatri C. Spivak (2010) é uma crítica teórica india, conhecida pelo livro *Pode um subalterno falar*, que apresenta a reflexão sobre a história das mulheres indianas e de imolação das viúvas. Spivak aborda o lugar ocupado pelas mulheres no contexto pós-colonial. Com sua brilhante pesquisa, argumenta que a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar e, ao falar, possa ser ouvido. Para ela, não se pode falar *em nome do subalterno*, mas pode-se ensiná-lo a lutar contra a subalternidade, criando espaços nos quais se articular e, como consequência, ser escutado. Tratando-se em sua maioria de um grupo de estudantes meninas, que trouxeram para seus textos suas angústias e violências sofridas, a importância de serem ouvidas em suas próprias vozes, com uma escuta

ativa e sensível, faz total diferença.

Essas vozes se destacam nos Saraus que vêm acontecendo em praças, salões, estações e bares da cidade, e que, por meio da Poesia, como Literatura Marginal/Periférica, dão espaço de expressão a muitos de forma igualitária: mulheres, homens e todos que desejem se expressar. Aparecendo aqui o *lugar de fala* de cada jovem, partindo de suas vivências, de suas culturas diversas que buscam ser ouvidas, pode-se dizer que todos temos o nosso *lugar de fala*, como nos diz Djamila Ribeiro (2019); o que nos difere são os pontos de partida e as crenças. Cada pessoa parte de sua experiência de vida, socialmente construída, sempre pensando no lugar do *outro* também.

Em todo trabalho incluído na fonte desta pesquisa, há acolhimento, cuidado, de modo que os estudantes se sintam à vontade para expressar poeticamente suas inquietações e angústias, sem limitações de termos ou sentimentos.

Aqui a poesia tem como essência

agregar, chegando a ser citada como elemento de cura pelos adolescentes que usam os momentos dos encontros literários e de recitação como uma verdadeira terapia de grupo.

Voltando ao nascimento da Literatura Marginal ou Periférica, observamos que, se o Movimento Modernista de 1922 nasceu dos centros e se impõe às periferias, o atual movimento percorre o caminho contrário:

“As bordas periféricas passam a influenciar os Centros e geram Cultura Oficial, com livros de poesia de resistência, grandes Saraus. A nossa arte é uma surpresa para todo mundo, fomos formados para consumir tudo que eles querem goela abaixo. De repente a gente cortou os intermediários e começamos a consumir o que é nosso. É a nossa ‘Antropofagia periférica’. A mídia não sabe nada sobre nós, somos de um outro país, uma outra República e falamos um dialeto das ruas. Não recitamos poesias, fazemos atentados poéticos. Sou classe C, C de correria. C de cultura. A mídia quando fala da periferia acha que descobriu a pólvora, mal sabe ela que nós somos urânio enriquecido.” Entrevista publicada em 18/09/2013 por Eder Fonseca em Ativismo (VAZ, 2009, p. 32)

Mas, apesar de tantos movimentos, esbarra-se na Educação com a falta de

ligação entre a Literatura Marginal/Periférica e a vida escolar. Isso se torna evidente quando, por exemplo, se deposita toda a esperança em reverter um quadro de violência, pobreza e desigualdade social, através do currículo, sem atrelar a isso toda uma vivência que existe *fora* da escola, com uma escuta ativa e sensível que dê atenção ao afeto e que se deixe afetar. É por essa razão que cada estilo é tão importante em sua singularidade, pois, com tal comparação, temos uma visão geral da Literatura e da sociedade que a produziu. Nesse contexto, onde se encaixariam as escolas e os professores? Para conceber a Literatura como um todo, faz-se necessária a integração e a interação de ambos (escola e estudantes), valorizando-se como um todo, dando valor ao *lugar de fala* dos estudantes e suas interações sociais.

Atuando como professora na SME/SP, dou-me conta de que o interesse por esta pesquisa surgiu da observação do desinteresse de alguns professores em suas aulas cotidianas de validar os conhecimentos prévios dos estudantes, focando sempre em aulas que contemplam regras e perpetuam o currículo estanque. Observo a interação dos jovens nas redes sociais, onde quase sempre aparecem falas de que não tiveram boas experiências com Poesia nas escolas, ou simplesmente a ausência da mesma, vista como algo

que só é acessado em momentos específicos do currículo ou, na maioria das vezes, fora dos muros da escola. Essas ausências e distanciamento de conteúdo influenciam, sobremaneira, o desinteresse dos estudantes do Ensino Fundamental II (de 12 a 15 anos) das escolas municipais localizadas no território do Sapopemba (local desta intervenção). Em resposta, os estudantes se recusam a realizar leituras ou produções textuais impostas, sem sentido para eles. Estudantes estes que, fora da escola, produzem textos em prosa e verso, participam de Saraus e *Slams* periféricos, com profundidade de argumento, participam de coletivos que movimentam as inquietações da sociedade, deixando claro que conhecem suas realidades e são capazes de expressá-las. Percebe-se nesse histórico uma hierarquização de saberes e uma dissidência em relação ao notório saber vindo desses estudantes. Penso que deixar a escola fora desse movimento é fechar os olhos à Sociedade, já que essa tem se comunicado de maneira eficaz, sem a necessidade da Escola. A Escola precisa buscar a sua ressignificação dentro da presente realidade, que tende a não valorizá-la.



Visita do autor Sérgio Vaz à Sala de Leitura “Carolina Maria de Jesus”. Fonte: Acervo da autora.



1.1 A mediação de conteúdo feita pelo professor dentro e fora da escola

A partir de Paulo Freire (1999), tornou-se possível inferir que o professor não passa meramente informações, não transmite conhecimento, não ensina. O que faz é provocar, incentivar, disparar e possibilitar ao aluno a própria construção do conhecimento, a própria aprendizagem. Isso está em consonância com que nos diz Spivak sobre um professor pós-colonial, citado acima. Esse processo deve fundamentar as bases teóricas para uma ação consciente do professor reflexivo e inclusivo.

Um dos principais pensamentos de Paulo Freire é o de que homens e mulheres se educam na participação nas diversas instâncias sociais, pelo contato com diferentes experiências e visões de uma realidade. Nesse sentido, é importante discutir a respeito de uma

política ampla, numa sociedade em que todos se comprometam com a cultura, retirando dos professores ou da escola o peso de abarcar o patrimônio cultural e expandi-lo à sociedade em geral. Com este comprometimento coletivo, é preciso redefinir alguns papéis e concepções sobre educação, escola, professor e pedagogia do ponto de vista cultural. À medida que o professor comprehende a dimensão desse fator, pode de forma consciente interagir com o estudante compreendendo suas idiossincrasias na forma como aprende, valorizando seus conhecimentos prévios.

A resistência dos professores às mídias digitais contemporâneas, as cobranças curriculares, a indisciplina e o desinteresse dos educandos são justificativos constantes para o aumento de índices de problemas de aprendizagem

e evasão escolar na educação básica.

Cabe aqui a ressignificação do papel do professor de ensinar o estudante a desenvolver sua autonomia no processo de aprender a aprender e que é importante na sociedade de hoje em que há excesso de informações, escassez de conhecimentos e muito estímulo do meio em que vive. Apesar da formação continuada e os níveis de estudo entre professores terem aumentado na última década, com variados cursos e temáticas ofertados pela rede municipal de ensino de São Paulo, a prática de uma educação reflexiva e inclusiva não tem chegado devidamente à sala de aula, ou seja, não chega a quem de fato necessita.

E a Literatura, que se faz ponte, que, através de todos os seus movimentos de interação entre Literatura e Sociedade, nos mostra que é impossível estar alheio a sua existência. Octavio Paz (1982), em *O Arco e A Lira*, argumenta que a literatura permeia todas as esferas da vida humana.

A prosa é um gênero tardio, filho da desconfiança do pensamento ante as tendências naturais do idioma. A poesia pertence a todas as épocas: é a forma mais natural de expressões dos homens. Não há povos sem poesia, mas existem os que não têm prosa. Portanto, pode se dizer que a prosa não é uma forma de expressão inerente a sociedade ao passo que

é inconcebível a existência de uma sociedade sem canções, mitos ou outras expressões poéticas. (*O Arco e a Lira*, p. 83)

Em sua obra, Paz explora a importância da Literatura como expressão fundamental que molda nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Ele sugere que a Literatura está presente em todas atividades humanas, desde a linguagem cotidiana até as manifestações artísticas mais elevadas, defendendo que ela não é apenas uma forma de entretenimento ou comunicação, mas uma força vital que nos conecta uns aos outros e nos ajuda a entender a complexidade da existência humana, a conseguir expressarnos na escrita ou mesmo na performance de recitar uma escrita autoral, permitindo aos estudantes uma formação autônoma de aprendizagem.

Literatura: pode-se ter a pretensão de ignorá-la, mas, ao vivenciá-la, ela aparece a cada instante, a cada pensamento, a cada esquina. Assim está acontecendo com os movimentos envolvendo a Poesia Marginal/Periférica. Assim, a Literatura Periférica ou Marginal se liga a Octavio Paz, nessa *fricção da força vital* em consonância com o contexto social em que esses estudantes se inserem.



2



AEL E SLAM: LITERATURA EM MOVIMENTO

2.1 AEL: o que é?

A AEL (Academia Estudantil de Letras) é um projeto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que visa incentivar o gosto pela leitura e pela literatura entre os estudantes da rede municipal. A Lei nº 17.459/2020 institui a AEL no âmbito do município, tornando o projeto uma política pública permanente da cidade de São Paulo.

As academias são formadas por estudantes de todas as idades, desde o ensino fundamental até o ensino médio. Os alunos se reúnem semanalmente, no contraturno escolar, para discutir obras literárias, realizar pesquisas, escrever textos, ter aulas com atividades teatrais e participar de atividades culturais. Os objetivos do projeto são:

- Promover o gosto pela leitura e pela literatura;
- Desenvolver o senso crítico e a criatividade dos estudantes;
- Formar cidadãos conscientes e participativos;
- Valorizar a cultura brasileira.

As AELs funcionam de forma semelhante às academias de letras tradicionais. Os alunos escolhem um autor da literatura para

representar na academia e, a partir daí, realizam pesquisas e estudos sobre a obra desse autor. Também participam de eventos culturais, como Saraus, recitais, chás literários e apresentações teatrais.

O projeto tem sido um sucesso entre estudantes e professores. Os alunos que participam das AELs relatam que o projeto os ajudou a desenvolver o gosto pela leitura, a melhorar a escrita e a pensar de forma crítica. Os professores também destacam que o projeto é uma importante ferramenta para a formação integral dos estudantes, desenvolvendo competências e habilidades tão necessárias para uma vida em sociedade, tais como: trabalho em equipe, comunicação efetiva, criatividade, comprometimento, entre outras. Além de ser um projeto bastante engajado com agenda 2030 e os 17 objetivos de desenvolvimentos sustentáveis – ODS propostos pela ONU (Organização das Nações Unidas). Ligadas diretamente à educação estão os números 4 (Educação de Qualidade), 10 (Redução das desigualdades) e 15 (Vida Terrestre), bem como todos os seus desdobramentos, e até os outros objetivos.

A AEL é um projeto inovador que vem contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e participativos. O projeto mostra que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação social.

Aqui estão alguns exemplos de atividades realizadas nas AELs:

- Discussões sobre obras literárias;
- Realização de pesquisas sobre autores e obras da literatura;
- Produção de textos, como poemas, contos, crônicas e ensaios;
- Participação em eventos culturais, como saraus, recitais e apresentações teatrais;
- Roda de conversa com autores na própria escola, que conta com sala de leitura
- Roda de conversa com autores na própria escola, que conta com sala de leitura.

O projeto AEL é uma ótima oportunidade para os estudantes se aproximarem da literatura e desenvolverem habilidades importantes para a vida.

Com a intenção de estimular os estudantes a lerem mais, a professora Maria Sueli Fonseca Gonçalves idealizou a Academia Estudantil de Letras. Ela fez questão que fosse bastante parecida com a Academia adulta, dos “Imortais”.

Em 2005, nasce a primeira AEL na EMEF Padre Antônio Vieira, Diretoria Regional de Ensino da Penha (DRE-Penha) e, nos anos seguintes, se estende à Secretaria Municipal de Educação (SME), alcançando várias regiões e tornando-se uma poderosa política pública que estimula e fomenta a leitura literária.



ENCONTRO ON-LINE com OSWALDO FAUSTINO, ESCRITOR E JORNALISTA (2024)

ACERVO DA AUTORA

A ideia era que os estudantes iniciassem suas leituras a partir de seus centros de interesse, assunto ou autor, e se aprofundassem a conhecer o autor da sua obra predileta e os autores prediletos de outros estudantes (biografia e obras).

Com a certeza de bons frutos, eu e minha parceira de trabalho, Ana Carla Lourenço Ximenes, criamos o projeto AEL em nossa escola, EMEF Arquiteto Vilanova Artigas, em 2023, que conta com aulas planejadas de estudos literários e dinâmicas de teatro. Sempre com a finalidade de fomentar a leitura literária e estimular a desenvoltura performática nas apresentações de suas produções artísticas, atendendo crianças e adolescentes dos ciclos interdisciplinar e autoral (do 4º ao 9º ano), com faixa etária

entre 9 e 15 anos.

O intuito da implementação dessa política pública em nossa escola foi permitir, e garantir, mais acesso à leitura literária, bem como o conhecimento dos bens culturais que se apresentam fora da escola, tais como saraus, teatro, feiras literárias e espaços de lazer e convivência, inspirados em literaturas diversas. Algo que no nosso território é bastante carente.

Os passeios exploratórios fazem parte do projeto, permitindo construir e expandir repertório. Temos a oportunidade de ir a lançamentos de obras literárias de variados gêneros, sempre ampliando e ressignificando conhecimentos já adquiridos.

A oportunidade de conhecer escritores permite aos estudantes sonhar

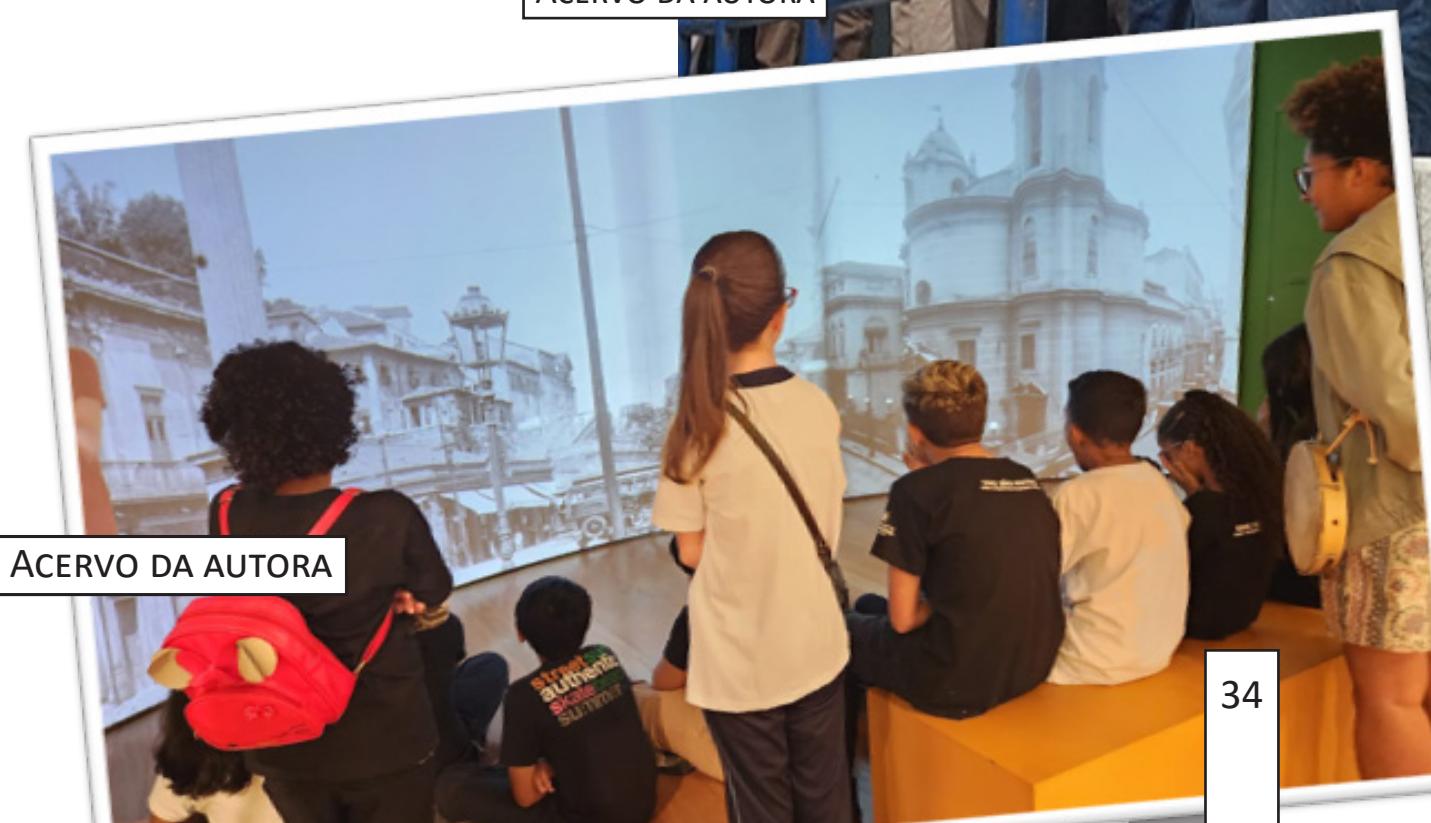
com o possível, como escrever e publicar.

Uma das características interessantes que apareceram com as escolhas dos autores a serem homenageados é a escolha de mais autores negros, mostrando o quanto a representatividade é necessária em nossa escola. Outra foi a convivência entre os estudantes de idades variadas – trocas plurais e muito significativas.

Com todo esse estímulo à leitura, é claro que começaram a aparecer textos escritos pelos acadêmicos, em sua maioria textos poéticos ou poesias. E atrelado ao projeto do *Slam* interescolar, conseguimos vários estudantes poetas que têm vontade de publicar seus livros e buscam nas atividades da AEL ampliar seus repertórios.



ACERVO DA AUTORA



ACERVO DA AUTORA

2.2 *Slam* Interescolar

2.2.1 Histórico do *Slam*

Slam é uma palavra originária da língua inglesa, uma onomatopeia para representar algo como o bater da porta: “Pá! Pou!” O *Slam Poetry* [Poesia de Slam], como é apresentado na língua inglesa, são batalhas que possuem cinco pilares: poesia, performance, interatividade, competição e comunidade (SILVA, 2022).

O *Slam Poetry* é uma forma de poesia performática que é mais do que apenas um concurso. É um evento social que promove o *encontro*, a construção de uma *comunidade* e a *liberdade de expressão*. O *Slam Poetry* também pode ser uma ferramenta valiosa para promover a diversidade, inclusão e justiça social nas escolas.

Conhecida no Brasil também como “Literatura Marginal” (pois à margem da cultura canônica), é apresentada na forma de texto, voz e corpo, sem adereços. Transborda atitude.

Há um Manual de Orientação para *Slam* interescolar de São Paulo, produzido pelo *Slam* da Guilhermina.

Slam é um modelo de competição de poesias criada na década de 1980 por Marc Smith, em Chicago, e que desembarcou no Brasil pelas mãos do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e Memória do Hip-Hop, em 2008, tendo como principal expoente a poeta, atriz, cantora e apresentadora Roberta Estrela



D'Alva, com a formação do ZAP *Slam* (Zona Autônoma da Palavra).

Desde 2012, o Coletivo *Slam* da Guilhermina trouxe para a zona leste de São Paulo o campeonato de poesias faladas, com protagonismo na organização de Emerson Alcalde. Era total a participação de jovens. Assim, resolveram organizar também o *Slam* Interescolar, que ganhou o prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura, no eixo inovação, com o livro *Slam Interescolar – SP: Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas*.

Em São Paulo são mais de 50 *Slams*. No Brasil, mais de 210, motivo pelo qual é feita essa proposta de pesquisa. Se todo esse movimento tem sido pulsante na sociedade, por que ainda há a resistência à literatura poética, também como conteúdo dentro das escolas (especificamente na escola-foco dessa pesquisa, EMEF Arquiteto Vilanova Artigas).



ROSEMEIRE E ANA POSL

A primeira batalha de *Slam* em nossa escola ocorreu experimentalmente em 2022. Mesmo assim chegamos à final do *Slam* Interescolar, o que gerou frutos. Conseguimos maior adesão em 2023, além de também montar uma Academia Estudantil de Letras (AEL), devido ao interesse em leitura que despertou nos estudantes por busca de repertório literário e performático.

Como os estudantes podiam escrever e ler seus textos no próprio celular, isso despertou neles um grande interesse prático. Aos poucos fomos conversando sobre as performances na leitura, já que essa parte conta muito nas batalhas. Então, além da arte de escrever seus textos poéticos, tinham de pensar na apresentação performática, ou seja, criar artisticamente.

LARA NO FINAL DO SLAM ESCOLAR (2023)



ACERVO DA AUTORA





FINAL DO SLAM ESCOLAR (2023)

ACERVO DA AUTORA

2.2.2 A intervenção 2023

A primeira batalha de *Slam* em nossa escola ocorreu experimentalmente em 2022. Mesmo assim chegamos à final do *Slam* Interescolar, o que gerou frutos. Conseguimos maior adesão em 2023, além de também montar uma Academia Estudantil de Letras (AEL), devido ao interesse em leitura que despertou nos estudantes por busca de repertório literário e performático.

Título: *Slam* Interescolar no Artigas

Objeto: Poesias autorais em batalha de *Slam*

Objetivo (s) da pesquisa-intervenção: Batalha com poesias autorais dos estudantes do 6º ao 9º ano.

Universo e participantes:
EMEF Arquiteto Vilanova
Artigas – Zona Leste de São Paulo.

interesse em leitura que despertou nos estudantes por busca de repertório literário e performático.

O início se deu com Oficinas de Poesia realizadas na Sala de Leitura, com escritores/poetas (Jô Freitas, Cleyton Mendes, Daniel Minchoni e Nicole Amaral), por meio do repertório poético indicado nas aulas de sala de leitura (que contam com uma aula semanal por turma), acesso à Poesia Periférica e poesia canônica constante no acervo.

Os estudantes foram estimulados a criar textos poéticos autorais. Para a participação no *Slam*, seriam necessários no mínimo três textos, sendo permitida a citação de outros textos e músicas, porém, com os devidos créditos aos autores. Houve nesse momento inicial a criação do grito de guerra pelos próprios estudantes: “Mostre suas asinhas que aqui o papo é reto. *Slam* do Artigas, o Arquiteto”. Tal grito foi inspirado no livro *Menina Pretinha/Menino pretinho*, de Kiusam de Oliveira (lido pelo grupo em um dos encontros). Para os estudantes envolvidos, apresentar seus poemas seria uma forma de mostrar quem verdadeiramente são, por isso a ideia de “mostrar as asinhas”. Todos os oficineiros também deram ênfase à performance da apresentação.

Os estudantes passaram a apresentar seus poemas autorais às professoras envolvidas durante as aulas extras do

Procedimentos de pesquisa-intervenção:

A primeira batalha de *Slam* em nossa escola ocorreu experimentalmente em 2022. Mesmo assim chegamos à final do *Slam* Interescolar, o que gerou frutos. Conseguimos maior adesão em 2023, além de também montar uma Academia Estudantil de Letras (AEL), devido ao

Clube de Leitura¹ (encontro semanal), com estudantes envolvidos na “batalha”, para apreciação e organização de ideias, partindo de acervo literário da sala de leitura da EMEF, tendo como foco os participantes que se propuseram a participar da batalha, mas incluindo os outros que quiseram partilhar seus textos, mesmo sem participar da batalha do *Slam*.



2.2.3 Organização da pesquisa intervativa

A apresentação da “batalha” foi presencial, no palco da EMEF Arquiteto Vilanova Artigas, tendo como participantes estudantes inscritos do grupo de Fundamental II, que atende estudantes de 11 a 15 anos, no horário da manhã.

Apresentador: a apresentação foi feita pela *Slam master* Nicole Amaral. Ela conduziu o evento, realizou os sorteios da ordem de apresentação e chamou os poetas.

Slam do Artigas, 12 de setembro de 2023

O *Slam* precisa contar também com matemáticos: a professora Ana Carla e a estudante Maria Eduarda Alves, pessoas responsáveis por anotar as notas de cada estudante e somá-las, sendo que a maior e menor nota são desconsideradas.

1. O Projeto Clube de Leitura teve início no ano de 2022. Inicialmente, seria um espaço para compartilhamento de leituras e impressões sobre os textos lidos. No entanto, com o forte interesse dos estudantes pela literatura periférica e *Slam*, passou a ser também um espaço dedicado ao compartilhamento de poemas dos estudantes.



ACERVO DA AUTORA

Jurados: cinco pessoas escolhidas pelas professoras organizadoras do evento (professoras Rosemeire e Ana Carla), obedecendo ao critério da *diversidade* entre homens e mulheres, brancos e negros, estudantes e professores etc. Ao final de cada apresentação, os jurados levantavam placas com notas de 0 a 10 (confeccionadas para o evento); os jurados são escolhidos pouco antes das apresentações, para garantir a isonomia, e os critérios a serem seguidos estão citados acima.

O *Slam* ocorreu em 3 rodadas. **1^a rodada:** os estudantes / poetas inscritos se apresentavam em ordem definida por sorteio (sorteio esse realizado a cada apresentação, garantindo o efeito surpresa a todos os participantes).

Cada um apresentou uma poesia autoral, de até 3 minutos de duração (com uma tolerância de 10 segundos). Caso o estudante ultrapassasse o tempo estipulado, seria descontado 0,5 ponto a cada 10 segundos.

Não foi permitido o uso de cenário,

figurino ou instrumentos musicais.

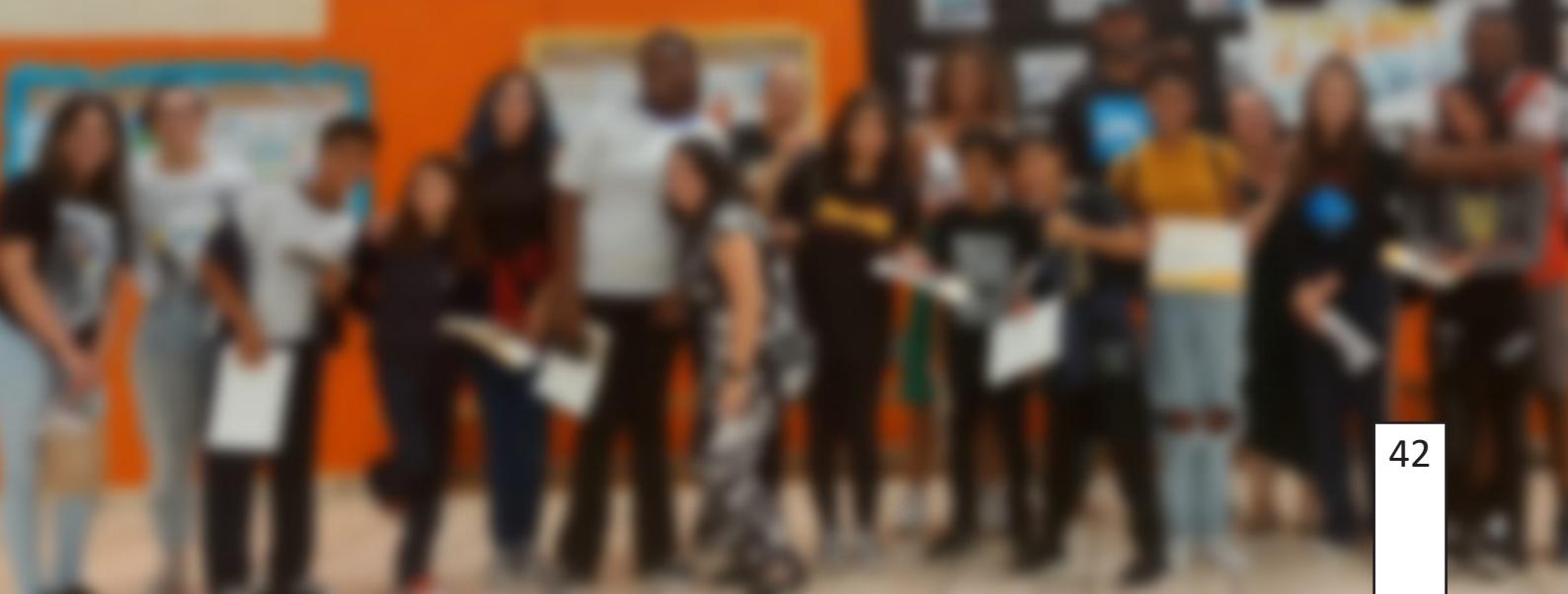
Cada estudante, ao se apresentar, pôde optar pelo uso do microfone ou não. Também pôde optar entre apresentar o poema sem nenhum suporte ou ter o texto em mãos em papel ou celular apenas para leitura. Caso o celular fosse utilizado como objeto cênico, o estudante seria desclassificado.

Ao final, os 5 estudantes que obtiveram as maiores notas passaram para a segunda rodada.

2^a rodada: os 5 classificados apresentaram uma segunda poesia autoral (segundo as mesmas regras da 1^a rodada). Os 3 estudantes que obtiveram as maiores notas passaram para a terceira rodada (final).

3^a rodada (final): os 3 finalistas apresentaram um terceiro poema autoral. Venceu aquele que obteve as maiores notas (em caso de empate, o desempate seria realizado pelas notas das rodadas anteriores).

O evento teve 2 horas de duração, as formas de registros foram fotos e gravação de vídeos das apresentações; a extração de dados se deu com a escuta dos poemas nas aulas acima mencionadas do clube de leitura, quanto ao procedimento de análise se fez com observação no dia da apresentação, destacando a desenvoltura de cada



candidato em relação a performance e texto.

2.2.4 Concluindo o *Slam* 2023

É importante observar que o movimento da Literatura Periférica aqui apresentado pelo *Slam* Interescolar projeta a voz dos estudantes dentro e fora do espaço escolar, tendo seu protagonismo valorizado.

Compreende-se que a *construção de sentido* que se dá a partir da fala do envolvido é constituída e permeada de relações hierárquicas dentro das escolas. É nesse momento que se faz valer a comunicação de *inquietudes* por meio da Literatura pelos estudantes. Buscam em suas leituras significantes de suas palavras e versos.

Aparecem nas poesias as suas dores e inquietações, seus posicionamentos diante de tudo que vivem nessa comunidade atendida pela escola.

Houve relatos de violências, depressão, além de sentimentos pessimistas que a ninguém havia se manifestado dentro da escola.

Após a apresentação, alguns gestores quiseram saber mais sobre aquele aluno-autor da poesia, gerando uma movimentação positiva, porém, ainda pontual, na escola.

Ao final de cada batalha de *Slam*,

espera-se que cada estudante tenha conseguido se expressar, passar sua mensagem e sensibilizar os juízes. O vencedor deve representar a escola na continuação do campeonato, fora da escola. Mas a intenção, para além da “batalha”, é dar voz aos estudantes e permitir que se expressem através da poesia e da literatura poética, ampliando o interesse na leitura literária.

Levando-se em conta que o trabalho aqui apresentado se refere a um fenômeno contemporâneo, é possível situá-lo no que Deleuze nos diz sobre um constante devir, um processo constante de transformação e mudança. A poesia explora o devir para criar uma sensação de fluidez. Isso, na criação dos textos poéticos para os estudantes, impede o “engessamento”, o simples deixar fluir as palavras, assim se mostra a Poesia Periférica nas escolas.

O grande diferencial desde o início dos trabalhos foram as pessoas que queriam participar, um número bastante significativo de meninas, e poucos meninos, mostrando que há ainda a resistência dos meninos aos se tratar de poesias. Porém, os poucos meninos que toparam fazer parte da batalha de *Slam* Interescolar tiveram grande destaque em suas poesias e performances, um movimento que se tornou parte das atividades da escola e ocorrerá novamente no ano de 2024.

ACERVO DA AUTORA





2.2.5 Lara Catani: vencedora do *Slam do Artigas 2023*

Eis um de seus poemas:

“E aí, independência ou morte?”

ah, mas que sorte,
lidar ainda com os danos
mesmo com o passar dos anos
de uma sociedade construída,
constituída, em cima de todos
que foram mortos
para que o domínio branco
pudesse se estruturar.

o Brasil não foi projetado
para abrigar aqueles
que sempre fizeram
o país se manter sustentado.
mesmo que falte
o sustento na própria mesa,
vamos lá
sem moleza!
sua carne não pode sair ilesa
das mãos sugadoras
do capitalismo.

o cinismo da classe dominadora
é de surpreender:
é de super prender inocentes
com acusações incoerentes,
só porque não aguentam ver
aqueles que tanto desprezam
finalmente conquistando poder.



é que tem muita gente
voando alto,
sem nem precisar
tirar os pés do asfalto.

a expressão é incômoda
porque cada palavra
que um poeta profere
se torna revolução,
e farão com que nunca mais
sejam postos ao lado
de uma cômoda
para serem chamados
de “criado mudo”.
cada verso em poesia
é um código,
é destruição do pódio
que tanto causa ódio
dor, e medo.

quando seu dedo aponta
para os pecados de alguém,
três se voltam para você.
e agora, quem é o refém?
não adianta rezar pra santo
se suas palavras
causam espanto.

é, Sérgio Vaz,
sei de poucos
que realmente
acreditam em Deus.
a maioria
acredita que é.
o “cidadão de bem”
que você colocou tanta fé,



Mari Felix falou como é:
ele se tornou assassino
quando disse ser só “gripezinha”,
foram mais de 600 mil mortos
no país que votou errado,
porque queriam brincar
de arminha.
caiu fora, governo bozo!
tem uns que lutam
para somente se manter vivo,
já outros, com dinheiro vivo
compram 51 imóveis.

se ligassem mesmo
para todas as vidas,
causariam alvoroço
nas portas de delegacias
que, com “balas perdidas”,
acabam com as crianças
da periferia.
tomou enquadro e era inocente
encostou na parede
afastou as pernas
colocou as mãos na cabeça,
e as marcas
se tornaram cicatrizes eternas.
o que te causa tanto pavor

em ver uma sereia negra?
por acaso, ela te lembra
de todos que morreram
nos navios negreiros
e foram jogados no mar?

Terra adorada,
Entre outras mil,



És tu, Brasil,
Ó pátria amada!
entre outras mil,
és tu, Brasil,
que “confunde”
cabo de guarda-chuva,
com fuzil.

nossa vivência
significa, todos os dias,
luta e resistência,
e não podemos nos calar.
não enquanto eles acharem
que são os únicos capazes
de dominar.

o clarão que surge no céu
não é o do Sol da liberdade,
é o da desigualdade!

enquanto pão for raridade
e comida na mesa, vaidade,
muitas cabeças ainda vão rolar
mas não mais as nossas,
e sim as do que sempre
sobre qualquer circunstância
tentam nos matar.

Cumpre assinalar que Lara Catani é uma estudante muito participativa, leitora, pesquisadora, atenta a tudo que acontece no mundo ao seu redor.

Esse poema é uma poderosa expressão de crítica social e política. Através de uma linguagem direta e impactante, a poeta aborda temas como racismo, desigualdade social, opressão e resistência. Façamos uma análise

das principais citações do poema:

1. Lidar ainda com os danos mesmo com o passar dos anos de uma sociedade construída, constituída, em cima de todos que foram mortos para que o domínio branco pudesse se estruturar.

— Esta citação reflete sobre as raízes históricas do racismo e como a sociedade brasileira foi construída sobre a exploração e opressão dos povos negros e indígenas. A menção ao “domínio branco” ressalta a violência estrutural que sustentou o colonialismo e continua a influenciar as relações de poder no Brasil.

2. O Brasil não foi projetado para abrigar aqueles que sempre fizeram o país se manter sustentado.

— Denuncia-se a exclusão social e econômica dos negros e pobres, que, apesar de terem construído o país com seu trabalho, não encontram nele um espaço de dignidade e reconhecimento. Essa linha expõe a contradição entre o papel fundamental dessas pessoas na construção da nação e a marginalização que elas enfrentam.

3. O cinismo da classe dominadora é de surpreender: é de super prender inocentes com acusações incoerentes, só porque não aguentam ver aqueles que tanto desprezam finalmente conquistando poder.

— Uma crítica ao sistema judiciário e policial, que frequentemente criminaliza

pessoas negras e pobres com base em preconceitos e estereótipos. O “cinismo da classe dominadora” se refere à hipocrisia das elites que, para manter seu poder, recorrem à repressão e à criminalização daqueles que desafiam o status quo.

4. A expressão é incômoda porque cada palavra que um poeta profere se torna revolução.

— A poeta reconhece o poder transformador da palavra. A poesia, nesse contexto, é vista como um ato de resistência, uma forma de luta contra a opressão e a injustiça. A ideia de que a “palavra se torna revolução” reflete o potencial da arte para provocar mudanças sociais.

5. Quando seu dedo aponta para os pecados de alguém, três se voltam para você.

— Esta citação remete ao ditado popular que alerta para a hipocrisia. Ao acusar os outros, muitas vezes esquecemos de nossos próprios erros e falhas. Aqui, pode-se entender como uma crítica àqueles que, do alto de sua posição de poder, julgam e condenam, sem reconhecer as próprias culpas.

6. A maioria acredita que é o ‘cidadão de bem’ que você colocou tanta fé, Mari Felix falou como é.

— Uma crítica ao conceito de “cidadão de bem”, uma expressão frequentemente usada de forma hipócrita para justificar

ações repressivas e preconceituosas. A menção a Mari Felix, uma figura de resistência, reforça a ideia de que a verdadeira moralidade e justiça não residem no “cidadão de bem” idealizado pela sociedade conservadora.

*7. Terra adorada, Entre outras mil,
És tu, Brasil, Ó pátria amada!*

— Esta citação é uma referência irônica ao hino nacional brasileiro, destacando as contradições entre a idealização da pátria e a realidade vivida por grande parte da população. A repetição do hino dentro do poema subverte o sentimento patriótico, revelando um país marcado por violência e desigualdade.

*8. Não enquanto eles acharem
que são os únicos capazes de dominar. o
clarão que surge no céu não é o do Sol da
liberdade, é o da desigualdade!*

— Esse trecho contrapõe a ideia de liberdade, simbolizada pelo “Sol da liberdade” do hino nacional, com a dura realidade da desigualdade social. O “clarão” é uma imagem poderosa que denuncia a falsa promessa de liberdade e igualdade no Brasil.

*9. Muitas cabeças ainda vão rolar,
mas não mais as nossas, e sim as do que
sempre sobre qualquer circunstância
tentam nos matar.*

— Esta citação finaliza o poema com uma mensagem de resistência e esperança. A poeta afirma que a luta

pela justiça não será mais marcada pelo sofrimento dos oprimidos, mas pela queda daqueles que perpetuam a opressão. É uma afirmação de que a mudança está por vir, e que os opressores enfrentarão as consequências de suas ações.

O poema como um todo é uma denúncia contundente das injustiças sociais e um chamado à resistência e à transformação. As referências culturais e históricas, combinadas com a força das palavras, criam uma obra de grande impacto emocional e político.

2.2.6 Escutando os mais experientes

Os depoimentos a seguir foram coletados de pessoas diretamente relacionadas ao *Slam* Interescolar e ao *Slam* em geral. Fiz a seguinte pergunta aos entrevistados, via WhatsApp, ferramenta pela qual eles enviaram suas respostas.

Pergunta: Qual sua opinião sobre a chegada do *Slam* nas escolas, com o *Slam* Interescolar?

“A chegada dos *slams* nas escolas aproxima os alunos dos autores e vice-versa e isto é um passo fundamental para despertar o interesse pela leitura e a escrita. Pois os poemas ditos nos *slams* geralmente são coloquiais, com uma linguagem atual, da rua, e se faz presente

nas redes sociais que os alunos já acessam. Por isso o primeiro contato é um grande acontecimento. Assim que o professor apresenta esta modalidade em aula, eles vão buscar na Internet e encontram uma porção de vídeos dos mais variados assuntos e passam a consumir essa literatura. E em seguida estão produzindo textos e declamando nas escolas e postando em suas redes sociais.

E esta ida que ocorre das ruas para as escolas também oxigena a cena, trazendo público e participantes, deixando os eventos de *poetry slam* sempre de cara nova. Os alunos utilizam o espaço do microfone aberto para se apresentarem, treinando para o Interescolar e depois, quem sabe, tomando coragem para competir com aqueles e aquelas que assistem nas plataformas digitais.

E quando um poeta-formador, como são chamados os *slammers* que desempenham a função de mediar a relação do projeto *Slam* Interescolar SP com as escolas, vai até as unidades e se apresentam é um grande acontecimento. Eles têm a oportunidade de ver ao vivo os poetas que viram nos livros ou nos vídeos, diferente dos autores clássicos ou até mesmo contemporâneos dos livros didáticos, e podem tirar dúvidas, mostrar seus poemas, conversar, tirar fotos. É um momento de entusiasmo provocado pela literatura.

Os professores são essenciais para

a promoção desses encontros. São eles que fazem a ponte, que insistem junto à coordenação da escola em aceitar e incentivar o projeto. Eles frequentam os eventos, convidam poetas, compram livros para trabalhar em sala de aula, vão nos lançamentos de autores independentes que não se encontram em livrarias. É realmente um trabalho de “garimpo”, de construção de parcerias. É um movimento de mão-dupla, cada um fortalecendo o trabalho do outro. E os mais beneficiados são os alunos, que têm a oportunidade de ler, ouvir e assistir a poesia mais viva da atualidade.”

Emerson Alcalde: *slammer* e *Slam Master* no *Slam* da Guilhermina; escritor, ator, arte-educador, produtor, poeta.

“O *Slam* Interescolar tem grande importância, não só pelo incentivo à leitura e escrita, mas também é extremamente importante para as crianças e jovens narrarem suas próprias histórias, e serem protagonistas de seu enredo. A linguagem do *Poetry Slam* no Brasil é uma linguagem acessível que dialoga diretamente com a realidade desses estudantes das escolas de etapa da educação básica, e por esse fato causa uma grande identificação e lugar de pertencimento.

É muito bonito e potente ver o *Slam* Interescolar se espalhando pelas escolas, ajudando a formar não só artistas, mas

formar também pessoas pensantes e críticas. Viva o *Slam* Interescolar!"

Cleyton Mendes: escritor, poeta, *slammer*, ativista cultural, mestre de cerimônias e poeta formador do *Slam* Interescolar.

"Meu primeiro contato com o *Slam* foi por meio do Interescolar, e desde a primeira vez eu me apaixonei. Quando participei da seletiva pela primeira vez, eu não fui classificada para representar minha escola, mas alguma coisa me dizia que aquilo era sim pra mim. No ano seguinte participei da seletiva e dessa vez eu consegui a vaga para o estadual. No primeiro momento o meu objetivo era só passar da primeira fase, foram apenas 5 pessoas da minha escola para assistir e a torcida estava mais forte do que escolas que haviam levado 50 pessoas. Quando passei da primeira fase, eu pude ter certeza que eu ainda estava no jogo.

Durante o Interescolar SP 2019 todo eu era sempre a última poeta a recitar, e isso me deu uma sorte imensa por algum motivo desconhecido. Naquele dia fui campeã, e não me lembro de ter participado de outra competição sem o frio na barriga. No ano seguinte minha escola se inscreveu para o Interescolar, mas não havia alunos interessados em participar, por isso quase fomos desclassificados. Minha sorte foi uma única aluna interessada que aceitou que

competíssemos mesmo que estivéssemos em duas. Novamente fui campeã estadual no Interescolar 2020 quando estava no terceiro ano do Ensino Médio.

Quando saí da escola, continuei me apresentando, organizando e me engajando com o *Slam*, quando, no final de 2022, Emerson Alcalde (responsável pelo *Slam* da Guilhermina) me convidou para ser poeta-formadora. Eu aceitei, com medo porque tinha medo de não conseguir me dedicar 100% por causa do trabalho e da faculdade, mas foi a melhor decisão que tomei. Minha primeira oficina foi na escola que estudei e representei durante o tempo que competi, e lá dentro era como se eu fosse uma celebridade. Fiz a oficina e me surpreendi ao ver que no lugar de dois poetas interessados, existiam trinta e poucos que queriam participar da seletiva.

Isso me deu força para fazer as demais oficinas. Pude me ver muitas vezes com os olhos brilhando, de felicidade com as notas, com nervosismo. O Interescolar me prova todos os dias que eu estou exatamente onde deveria estar, e com certeza é meu projeto favorito no mundo."

Nicole Amaral: escritora, *slammer*, campeã do *Slam* Interescolar 2019 e 2020 (estando no ensino médio); poeta formadora do *Slam* Interescolar, organizadora cultural.

“Desde sempre as escolas foram um objetivo formativo dos movimentos de poesia marginal periférica. Os poetas desse movimento querem dialogar com alunos e trazer um novo olhar pra poesia, menos engessado nos manuais, livros e nos cânones. Então, o resultado natural sempre foi procurar as escolas pra levar saraus, *slam*, poesia, formações, oficinas, livros. Os professores e professoras também sempre presentes nos movimentos sociais e culturais da cidade também tiveram papel de articuladores e ajudaram a nos conectar com as escolas e romper as barreiras de preconceitos pra entrar.

Quando começamos a fazer *slams* e saraus dentro das escolas a identificação dos estudantes potencializou muito o tipo de poesia que estávamos fazendo e vivendo na cena de São Paulo. falando especificamente do *Slam* interescolar, quando acompanhei as primeiras incursões do *slam* da Guilhermina nesse evento, automaticamente percebi o potencial de semeadura de novas pessoas talentosas ‘pra’ poesia contemporânea. Como a cartinha que tirei no *War* da poesia foi a de tornar a poesia esporte nacional, vi logo que essa coisa ia crescer progressivamente e que ano após ano geraria novos frutos.

Acredito que o *slam* criou um espaço muito forte de empoderamento dos estudantes pra o uso da palavra e

creio que a longo prazo os resultados disso aparecerão na tecitura social, não só na esfera cultural, mas na política e até mesmo na formação de cidadãos e cidadãs mais ativos na construção de uma sociedade fortalecida e mais justa. A juventude segue tendo voz ativa, e o *slam* é um espaço de exercitar e atuar com essa voz ativa e questionadora, mas também com poéticas diversas.”

Daniel Minchoni: poeta, escritor, grafiteiro, diretor de arte, editor, apresentador de eventos literários e poeta formador do Slam interescolar.

Como lido nos depoimentos acima, o *Slam* Interescolar chega em um momento crucial de retomada da importância da leitura para a formação de nossos jovens e nos dá um caminho de acesso a eles que deve ser aproveitado com maior ênfase nas escolas. Trata-se de uma ponte entre todos os conhecimentos, independente dos conteúdos ou disciplinas, e os ligam também às tecnologias que podem ser usadas durante todo o processo, permitindo alcançar habilidades e competências exigidas desses jovens dentro e fora da escola.

Citando Mariana Félix, “eu me apaixonei por esse esporte da palavra...” (*post* de rede social). Sim, o *Slam* para os jovens aparece como esporte da palavra. Engana-se quem pensa que, por ser uma

competição gera rivalidade, não gera uma vivência comunitária de respeito e reciprocidade.

2.2.7 Outro poema de Laura Catani, 14 anos (vencedora do Slam do Artigas)

“Por uma educação que liberta”

Quando se nasce pobre
e na quebrada,
estudar é o maior ato
de revolta
contra o sistema.

E ‘cês estão ligados
que conhecimento é estrutura
para a vida de favelado,
porque quem tem poder
não quer fazer
com que a nossa gente
também seja visto
como inteligente.

Eles temem a revolução
porque sabem do poder
de um favelado
com livro na mão,
eles temem ver
gente como a nossa
letrados e estudados,
e não na fossa.

Aê! O maior terror da burguesia

é ver os ‘menó’
e as ‘mina’ da periferia,
largar a vida do tráfico
ou conseguir sair
da prostituição,
para finalmente terem
o seu diploma em mãos.

Papo de superação,
porque gente como a nossa
conhece a ‘vida loka’
muito antes da hora,
não entende nada de história
mas sabe bem como bafora.

É, gente como a nossa
que chega na escola
só com caderno e caneta
e não vê a hora
de ir embora.

Mas eu entendo
e não julgo,
fica difícil prestar atenção
na lição,
se sua barriga ‘tá vazia
porque o lobo mau
chamado “Capital”,
te tirou o pão de cada dia.

Sacola vazia
não para em pé,
e só o que têm sustentado
o corpo dos meus
é a fé.

Que o Senhor seja
o nosso Pastor,
e que nada realmente
nos falte,
que o prefeito
comece a olhar pra baixo
e que as ruas, alfaste.

Cada dia mais difícil
lidar com os açoites
e a precarização,
lutemos por uma educação
que liberte
e não se torne prisão!

Que nenhum oprimido
tenha o sonho
de virar opressor.
Usa o teu ódio
para conseguir o diploma,
'morô'?

Quero ver vocês formados,
de punho cerrado
porque para a gente,
a luta nunca para!

Ainda que tentem
nos matar,
assim como Marielle
somos sementes,
crescendo sem parar
com o olhar
sempre em frente.

A caminhada não para

revolução é a meta,
e quando eu chegar lá na frente
vão saber que no arquiteto
teve poeta.

“Por uma educação que liberta” é uma poderosa manifestação de resistência e crítica social, a linguagem popular e o contexto das periferias urbanas para abordar as dificuldades enfrentadas pelos moradores dessas comunidades em acessar a educação de qualidade. O texto é impregnado de um tom de denúncia, mas também de esperança e luta, refletindo a realidade de quem vive à margem da sociedade e tem o conhecimento como uma arma contra a opressão.

A principal mensagem do poema é a defesa de uma educação que liberte, em oposição a um sistema que oprime e marginaliza. É sugerido que o ato de estudar, quando se nasce pobre e na periferia, é uma forma de revolta contra o sistema estabelecido. A educação aqui é vista como uma chave para a emancipação, mas também como algo temido pelas elites, que preferem manter o status quo e impedir que os marginalizados alcancem o conhecimento e, consequentemente, o poder.

O poema adota uma linguagem coloquial, cheia de gírias e expressões típicas das periferias, o que contribui para a autenticidade e para a conexão direta com

o público alvo. Termos como “quebrada”, “favelado”, “lobo mau” e “vida loka” são utilizados para dar voz àqueles que frequentemente são silenciados ou mal representados na sociedade. Além disso, o poema utiliza a rima de forma livre e cadenciada, aproximando-se da oralidade, o que é comum em produções culturais de resistência, como no *rap*.

Há uma crítica contundente ao sistema capitalista e à forma como ele explora e marginaliza os pobres. A metáfora do “lobo mau chamado Capital” que “tirou o pão de cada dia” é um exemplo claro de como o autor responsabiliza o capitalismo pela desigualdade e pela fome que afligem as comunidades periféricas. O poema também menciona a precarização das condições de vida e a falta de atenção do poder público, representado pelo “prefeito”, que precisa “olhar pra baixo”, ou seja, voltar sua atenção para as camadas mais desfavorecidas da população.

O poema exalta a educação como o maior medo da burguesia, uma vez que ela pode tirar os jovens da criminalidade e da prostituição, oferecendo-lhes um futuro diferente. No entanto, a poeta reconhece as dificuldades que esses jovens enfrentam para se concentrar nos estudos, como a fome e a necessidade de trabalhar, o que muitas vezes os impede de se dedicarem à escola. Apesar disso, há uma mensagem de resistência e

superação, com um chamado para que os oprimidos usem o “ódio para conseguir o diploma”.

“Por uma educação que liberta” é uma obra carregada de significados e emoções, que retrata a luta cotidiana dos marginalizados por uma vida digna através da educação. O poema não só denuncia as injustiças do sistema, mas também inspira a ação, a revolução, e a busca por uma sociedade mais justa. A poeta finaliza com uma declaração de continuidade na luta, simbolizada pela figura de Marielle Franco, cuja morte se tornou um símbolo de resistência, e pela afirmação de que a caminhada e a luta pela educação e justiça social não param.



3

ARTE E LITERATURA

Uma relação inerente

Pode-se dizer que o mundo inteiro está em *crise*, atribuída seja ao período de isolamento, devido ao Covid-19, seja às grandes desigualdades socialmente construídas.

Atualmente, a velocidade das transformações, a intensidade das migrações, o crescimento das disparidades e das desigualdades, tudo isso altera os âmbitos nos quais a vida se desenvolve, em fluxo contínuo de evolução. Várias são as ações contrárias, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças de forma evidentemente diferente e dependendo do ambiente em que vivem.

Essas forças de vida podem e devem ser garantidas por literatura e arte. A elas têm se aliado cada vez mais adolescentes, seja sua interatividade formal ou informal, acadêmica ou não.

Nessas situações, crianças, adolescentes e adultos podem descobrir o papel dessa atividade de autoconstrução, fazendo uso da Literatura e da Arte, além disso, resignificando-se em seu tempo e espaço.

“A Literatura é uma forma de arte que é mais transmitida do que ensinada.” (PAZ, 1982, p. 15).

Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura ou impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita!

Assim é a palavra na Literatura e na Arte: um *devir* constante.

As pessoas têm uma predisposição originária à crise: nascendo prematuros, somos reconhecidos por uma fragilidade cujos vestígios persistem ao longo da vida. No entanto, orações são oferecidas para evitar que sejamos prejudicados pelos elementos destrutivos daquilo que enfrentamos. A fricção causada pelo convívio social faz com que cada ser se utilize de suas forças para dar conta de assimilar as transformações que compõem o desenvolvimento pessoal e social. Sueli Rolnik nos chama atenção para o *desejo*, um fator importante de transformação. A autora afirma que, mais do que entender, precisamos nos mover nesse tempo,

mas também que esse mesmo desejo se fricciona com outros desejos, afetando e sendo afetado constantemente. Assim aparece o desejo desses estudantes de serem ouvidos, como dizem Deleuze e Guattari, ao definir perceptos e afectos (1991, p. 213): "As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. Existem na ausência do homem, podemos dizer, porque o homem, tal como ele é fixado na pedra, sobre a tela ou ao longo das palavras, é ele próprio um composto de perceptos e de afectos. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si." As poesias como arte aqui mencionadas existem, são expressão dos estudantes e seus desejos.

3.1 Tempo e espaço para escutar

Adolescentes periféricos enfrentam dificuldades para transmitir o gosto pela Literatura e as Artes, de modo que seu repertório se restringe ao seu convívio. Um caminho de envolvimento que encontrei com essa pesquisa foram as ações interligadas de Literatura e Arte. O tempo todo, durante as atividades realizadas no ano de 2023, com visitas a espaços de Literatura e Arte e realizações durante nossos encontros na escola em sala de leitura, tudo virava motivo para se expressar. Então vieram poesias, contos, romances e performances.

Nesse contexto, seguimos construindo repertórios e desbravando territórios para além da escola, para além do bairro, para além das imposições socialmente construídas.

Através das criações escritas dos adolescentes, encontrei sentido no que diz Octavio Paz:

Um poema puro não poderia ser composto de palavras e seria literalmente indizível. Ao mesmo tempo, um poema que não lutasse contra a natureza das palavras, obrigando-as a ir mais além de si mesmas e de seus significados relativos, um poema que não

tentasse fazê-la dizer o indizível, permaceria simples manipulação verbal. (PAZ, 1982, p. 225)

É isso que os adolescentes por nós pesquisados tentam transparecer em suas escritas e performances: eles trazem suas realidades, a fricção que sofrem em seu tempo e espaço, o desejo que os atravessa.

Perguntei aos estudantes envolvidos nos projetos de sala de leitura qual era sua relação com a Literatura, a Poesia e as Artes. Tal pesquisa foi feita via grupo de estudos do WhatsApp. Não houve nenhum tipo de cobrança pelas respostas, para que pudesses ser espontâneas e refletir o que de fato aqueles jovens pensam. A seguir, algumas respostas:

“Minha relação com a literatura poética faz eu ser quem sou, faz eu ver que posso aprender e até ensinar um pouco de arte. Eu busco inspiração nas pessoas que já se sacrificaram para manter sua arte viva, em livros de contos ou poesia. E afirmo ‘Eu sou a poesia, eu sou o que expresso, esse é meu dialeto’.”

Luana (14 anos)

“Ah, eu gosto bastante de literatura poética, a poesia me refugia nos meus momentos turbulentos e os poetas são incríveis em conseguir descrever as coisas de um jeito único.”

Ana Julia (13 anos)

“A literatura poética é o que vem me salvando todos os dias, que me dá

forças, com ela vejo que eu não estou sozinha, e que eu gosto e posso me expressar da forma que eu quiser, e transformar sentimentos em arte. Busco inspiração em livros de poesia, músicas e em poetas que vivem uma realidade parecida com a minha.”

Fernanda (13 anos)

“Minha relação com a literatura poética se resume em escritas, vivências, arte, que traz arte e me bagunça e eu me acho dentro de versos, que fazem minha relação poética ser extremamente feliz comigo mesmo e faz eu viver cada segundo de arte que a poesia me fornece.”

Enzo (12 anos)

“Minha relação com a literatura poética é sobre cura. Eu escrevo e sempre escrevi para me libertar das coisas que me adoecem, tanto no mundo, quanto na minha vida particular. Sendo poeta, eu transbordo tudo aquilo que me enche e expresso quem realmente sou, através de palavras sinceras desconhecidas por todos. Eu luto para fazer a diferença e sinto que posso ser alguém. Sinto que me torno alguém a partir de meus versos, compartilhando minha visão de mundo.”

Lara (14 anos)

“Quando tive contato e comecei a gostar da literatura poética, senti que ficou mais fácil me expressar, com escrita de meus versos, através dela encontrei uma forma de cura de autorreflexão incrível e única, agora

qualquer pequeno acontecimento é uma inspiração.”

Maria Eduarda (14 anos)

“Para mim poesia é a melhor sensação existente, em tudo há poesia, a poesia pode ser encontrada nos lugares menos esperados. A poesia é conforto, mas também é aflição. É luz na escuridão, e é a escuridão na luz. Conheci a poesia de maneira chata, e não me interessei, quando descobri que não precisava ser assim comecei a escrever e fazer da poesia meu desabafo. A poesia é arte libertadora.”

Emily, 14 anos (membro visitante dos encontros de Poesia e Literatura)

“Minha relação com a literatura poética é de expressão, resistência, acolhimento e admiração. A minha relação com a poesia é artística! A poesia é voz, é grito, é cura... Quando fazemos parte do quarto de despejo da sociedade, a poesia se torna nossa voz. Dentro da literatura poética, a poesia periférica é a que mais me identifico, pois apresenta uma realidade próxima a minha. A poesia para mim é (re)existência criando espaço de expressão e também atuando como forma de mudança literária e social. Minha relação com a poesia é de alguém que por vezes silenciada, e privada de oportunidade, teve voz. Rasgando as máscaras do silêncio, minha relação com a literatura poética é de liberdade. Minha inspiração vem de tudo que me foi negado inclusive minhas emoções.”

Isabela (16 anos), integrante vitalícia do

grupo. Cursa atualmente a 2^a série do ensino médio (ETEC Rocha Mendes) e frequenta os projetos sempre que possível.

Percebi vários nuances nessas respostas. Um ponto que me chamou a atenção foi o fato de a maioria dos estudantes do grupo não ter se sentido à vontade para responder. Além disso, as respostas que chegaram são quase que majoritariamente de meninas, incluindo somente um menino, um dado que nos mostra o quanto a repressão de expressão entre os meninos ainda está bem presente, enquanto as meninas quando descobrem o caminho o usam como fonte de superação de traumas e angústias.

É notório nas falas que todos veem a literatura poética e a arte como fonte de cura pessoal e estabilidade emocional. Voltamos aqui aos momentos de fricção social e desejo pessoal. Que nos paresentou Sueli Rolnik. (2018)

3.2 Desbravando territórios, construindo repertórios

Durante todo o ano de 2023, foram realizadas várias saídas culturais com o grupo de estudantes pesquisados, esses mostraram em suas atitudes e em suas escritas e performances a diferença de se ter acesso a bens culturais. A seguir, os registros fotográficos.





O ano virou e 2024 chegou...

O ano letivo iniciou com outros estudantes que entraram para os projetos e tudo começou com afetividade e compromisso

Dando continuidade aos projetos, começamos o ano com uma visita ao Instituto Moreira Sales, à exposição “Pequenas Áfricas: O Rio que o samba inventou”. Ainda em consonância com a temática, uma visita ao SESC Casa Verde, à exposição “Festas Sambas e outros carnavales”. Ambas as exposições trouxeram a contribuição das populações negras e indígenas nas construções das comemorações e manifestações culturais tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro.



ACERVO DA AUTORA

Foram muitas as saídas para conhecer e ampliar repertório, Museus, Fábrica de Cultura, Exposições, Saraus, além de visitas de autores e gravação de Podcast que aconteceram dentro da sala de leitura, as atividades aqui relacionadas e exemplificadas por fotos aconteceram até o mês de Setembro, pois essa pesquisadora precisou de tempo para escrever sobre elas. Ainda haverá muitas coisas até dezembro de 2024. Semana de Arte Moderna SME com apresentação de um teatro em homenagem a LIMA BARRETO, seletivas para a final do slam interescolar que ocorrerá em novembro. Mesa temática na sala de leitura com Jô Freiras e Auritha Tabajara escritoras, mulheres, nordestinas e Jô representante das mulheres negras e Auritha como representante das mulheres indígenas falando sobre suas trajetórias e a lei 10.639/2003 e a lei 11.645/2008 e o que mudou depois delas. Encontro entre AELs

no Ibirapuera em dezembro.

O ano não acabou e temos ainda várias atividades já agendadas, para que esse movimento cultural nunca pare.

Vale comentar que incentivamos alunos e ex-alunos a se inscreverem no concurso literário “Pode pá, que é nós que tá” e 1 aluna da AEL e duas ex-alunas foram selecionadas para terem seus poemas publicados na coletânea feita por eles.

Um outro desdobramento importante, já citado anteriormente nessa pesquisa é o Sarau das Brabas (@saraudasbrabas), que está acontecendo todo terceiro sábado do mês na Praça Eugênio Aquino Pascoal, idealizado por 3 ex-estudantes que, ao saírem da escola no ano passado, não queriam deixar de participar das atividades culturais que tinham contato quando estavam conosco no projeto. A ideia foi prontamente abraçada por mim e minha parceira de



ACERVO DA AUTORA





**Casa verde
e o carnaval paulistano**

Quando o assunto é carnaval e Carnaval, a Casa Verde se destaca. A forte presença da propriedade privada e sua influência indiscutível no processo de reunião e degli socializações do bairro da Casa Verde foi fundamental para a criação de empresas de tecnologia desse comércio. As empresas mais conhecidas que surgiram nesse ambiente e se tornaram referências globais são empresas orientadas para a tecnologia.

A parte da comunidade que se moveu para a casa verde, a maioria das pessoas que vivem lá, é composta por pessoas que trabalham na tecnologia.

trabalho, participamos da organização junto com elas. Participam alunos, ex-alunos, pessoas da comunidade local e jovens que vêm de vários lugares da cidade para serem escutados. No último sarau, realizado dia 21/09, aconteceu o lançamento dos livros de poesia de alguns estudantes e ex-estudantes, por meio de

uma parceria realizada com um professor da rede que tem um projeto de edição e montagem de livros artesanais. Explicado melhor no tópico seguinte,

Enfim, é difícil resumir a importância desse projeto e o alcance que ele tem. Por meio da vivência cultural dos estudantes



dentro e fora da escola, muitas outras portas se abrem.

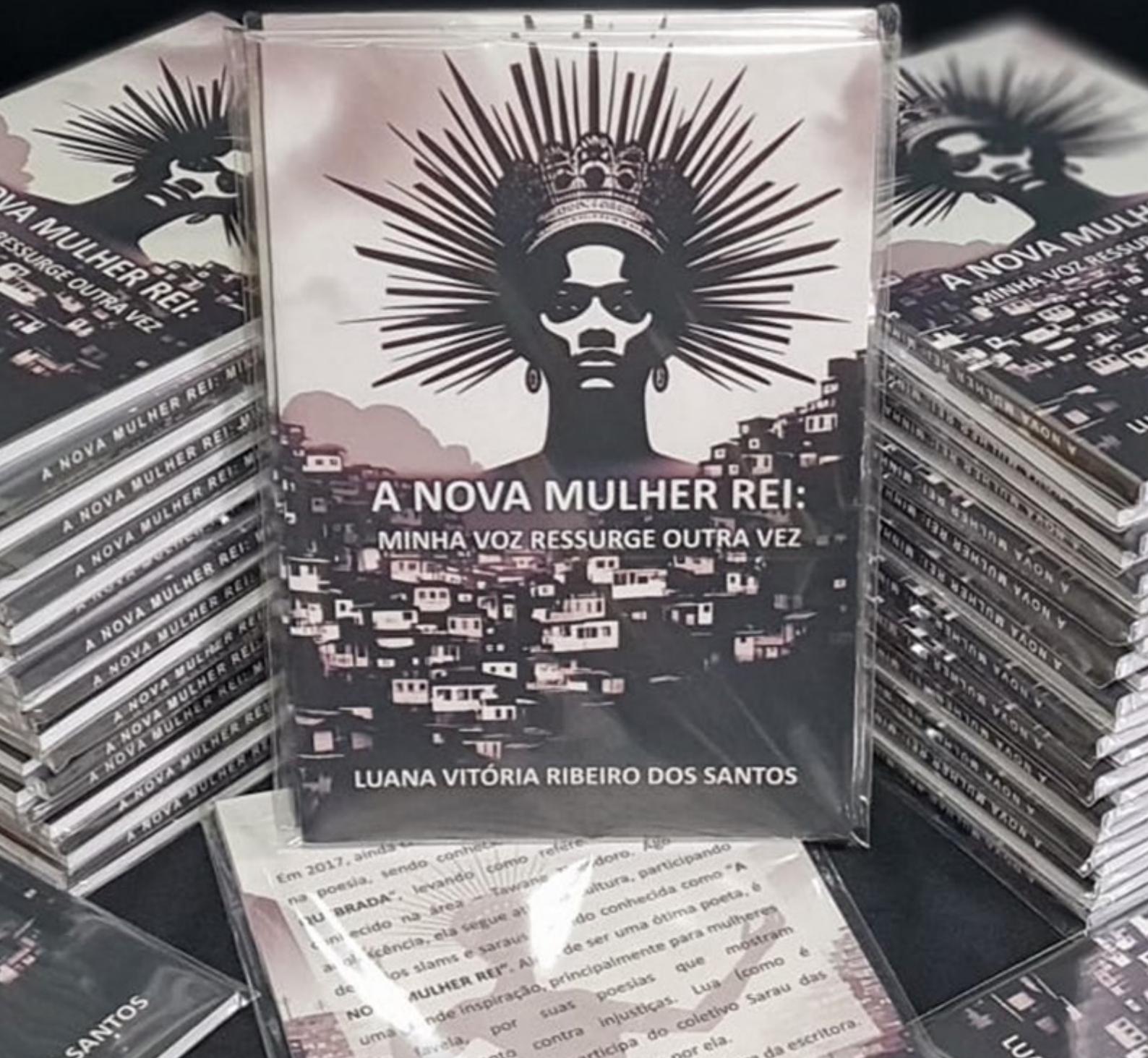
Como podem ver, essa vivência é contínua e promissora.

4.1 Projeto “Fábrica de Livros da Tarsila”: transformando sonhos em livros



Este ano tivemos a grata surpresa de uma parceria inesperada com o professor Luís Mário da EMEF Tarsila do Amaral, também da rede municipal de educação da Cidade de São Paulo, na região do Butantã. Ele desenvolve o projeto “Fábrica de Livros da Tarsila”, no qual apoia, orienta, incentiva e faz junto com os estudantes livros com encadernação artesanal com acabamento e refinamento gráfico dos mais variados temas. A proposta do projeto é iluminar talentos oferecendo oportunidade aos interessados de materializar suas ideias e artes no formato do livro impresso. Esta ação perpassa os muros da escola e, graças os recursos de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), segundo ele, realiza parcerias com diversas outras unidades escolares espalhas pelas 13 Diretorias Regionais de Educação do município de





São Paulo.

Alinha-se organicamente ao trabalho de incentivo e apoio à produção Literária Marginal, que, pelo contexto socioeconômico dos(as) jovens escritor(as), inviabiliza e até mesmo impede/adia a realização do projeto de publicar seu próprio livro. Com esta parceria, há a possibilidade da editoração, registro na Câmara Brasileira do Livro, impressão e encadernação dos livros dos poemas de vários estudantes de maneira independente.

A primeira contemplada foi a estudante Luana Ribeiro dos Santos (15 anos) com livro *A NOVA MULHER REI – Minha voz ressurge outra vez*.



AXÉ

Pretos no poder! Seu ego inflamou.
Tenho certeza que nesse momento deve estar se
perguntando
como é que nós chegou.

Nóis já tava nesse corre faz muito tempo.
E é incrível ouvir as minas dizendo que depois de
Tawane Theodoro
a autoestima delas tá crescendo.

É bom ver que a meta tá dando certo.
Estamos tomando suas vitrines sem nem precisar
pisar em ninguém.
E isso deixa vocês muito putos da vida,
porque Felipe Marinho mesmo disse:
“Enquanto muitos de vocês já mataram dizendo
amém,
muito de nós fomos salvos dizendo axé”

E escutar Racionais MC's também nos motivou.
A poesia me mostrou uma forma de esperança,
mas é difícil ver uma mina branca colocando
trança,
se achando preta, falando de racismo na banca... é
muita ignorância.
E quanto dessas palavras de reflexão você
vivenciou?

Pra quem realmente viveu, virou resistência.
E sua opressão foi junto com o seu presidente sem
noção pra outra nação.
E, se ele era tão bom assim, por que fugiu sem dar
uma explicação?

Mas, como eu ia dizendo, cada um com a sua



crença,
mas que meus verbos rasguem.
Não temos livro sagrado, mas nunca precisamos de
um para explicar sua intolerância,
até porque a cultura africana nunca foi branca.

Vocês pulam as sete ondinhas da nossa lemanjá,
usam a cor de roupa branca pra “podê prosperá”
Dançam no Carnaval o batuque do nosso tambor.
E depois de tudo isso, nossa religião você julgou e
criticou.

Vocês falam das galinhas mortas,
Mas... deixa eu te fazer uma pergunta: do que é
mesmo a sua torta?

Sem explicação,
Mas, mudando de assunto,
eu não sei por que mina poeta causa tanta polêmica
e confusão.
Talvez seja porque mamãe Dandara também foi
julgada como a contraindicação.

O poema “AXÉ” aborda questões profundas sobre raça, identidade, resistência e a hipocrisia cultural. É uma manifestação clara da luta e da afirmação do orgulho negro, confrontando diretamente os preconceitos e as apropriações culturais. Aqui estão alguns pontos principais:

1º Orgulho Negro e Resistência: O poema começa com uma afirmação forte: “Pretos no poder!” Isso já estabelece o tom de resistência e empoderamento que permeia toda a obra. Há uma celebração do avanço da comunidade negra, do poder que está sendo conquistado, e da autoestima que está sendo restaurada, como evidenciado pelo verso que menciona Tawane

Theodoro.

2º Apropriação Cultural: O poema critica a apropriação cultural, como no caso das “minas brancas colocando trança, se achando preta”, questiona a superficialidade com que certos elementos da cultura negra são adotados por pessoas que não vivenciam a realidade de quem pertence a essa cultura. A crítica é que, enquanto esses elementos são adotados, a verdadeira essência e as lutas associadas a eles são ignoradas ou mal compreendidas.

3º Hipocrisia Religiosa e Cultural: A autora também aponta a hipocrisia daqueles que utilizam elementos da cultura africana, como pular as “sete ondinhas de Iemanjá” ou usar branco para prosperar, mas que ao mesmo tempo criticam e demonizam as religiões afro-brasileiras. A crítica é direcionada à incoerência de abraçar superficialmente certas práticas enquanto desprezam a profundidade e o significado dessas tradições.

4º Referências Culturais e Históricas: O poema faz referência a figuras e ícones importantes da cultura negra, como os Racionais MC's, que são vistos como uma fonte de motivação e esperança. A menção a Dandara, uma figura histórica da resistência negra no Brasil, também reforça a ideia de continuidade e luta.

5º Crítica ao Poder Político: Há uma

crítica, simbolizando uma crítica maior ao sistema de opressão e à hipocrisia daqueles que o defendem. A fuga “sem dar uma explicação” é apresentada como um símbolo da falta de responsabilidade e da fragilidade moral daqueles que oprimem.

6º Ritmo e Linguagem: O uso de uma linguagem coloquial e acessível aproxima o poema de uma conversa direta com o leitor. A cadência do poema e as rimas contribuem para dar força à mensagem, ao mesmo tempo que refletem a oralidade característica da cultura afro-brasileira.

No geral, “AXÉ” é um poema que clama por reconhecimento, respeito e equidade, desafiando as estruturas de poder

Além do livro da Luana aqui citado, o responsável pelo projeto de produção de livros, eu diria realização de sonhos, nos propôs no Sarau de entrega e lançamento do livro da Luana se topáramos lançar 10 poetas com a organização do Sarau das Brabas, topamos na hora, conseguimos 10 Poetas sendo 6 ex estudantes mas que acompanham o Sarau, 2 estudantes ainda na escola, e dois convidados que não fazem parte e nunca estudaram na escola citada nessa pesquisa, porém participam das ações do Sarau.

No dia 21/09/2024 foi feito o lançamento oficial dos 10 livros, em uma sala comercial oferecida por uma

produtora Pião Produções que ficou encantada com todo esse movimento. O encontro foi assistido por familiares dos poetas e convidados e foi muito bonito de ver todo o movimento de Arte, Literatura e Poesia aflorando ao mesmo tempo.



LOCAL: ESPAÇO PIÃO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS | AV. SAPOPEMBA, 9335 | SALA 1

Cartaz de divulgação do lançamento dos 12 livros no “Sarau das Brabas”. Fonte: Acervo da autora.

Para falar das criações poéticas exemplificadas nesta pesquisa, bem como a dos livros publicados por poetas que fazem parte desta pesquisa, trago dois autores como Edgar Morin, em *Os 7 saberes necessários à educação do futuro*

(2000), e Ítalo Calvino, com *6 propostas para o próximo milênio* (1988), fazendo uma ponte entre eles e as escritas poéticas periféricas.

Leveza (Calvino) e Complexidade (Morin)

Calvino fala da necessidade de *leveza* como uma resposta ao peso do mundo moderno. Ele defende uma abordagem que permita aos textos e à linguagem flutuar acima da densidade do cotidiano. Algo que esses jovens poetas precisam como questão de sobrevivência.

Morin, por sua vez, trata da *complexidade* como um dos saberes fundamentais, argumentando que o mundo não pode ser entendido de maneira fragmentada, mas sim em suas interconexões. Impossível de dissociar o jovem estudante de sua realidade fora da escola.

Poemas periféricos muitas vezes lidam com temas densos como opressão, desigualdade e violência, mas muitas vezes o fazem de forma a criar uma leveza na linguagem ou na forma de expressar a resistência. Os poetas periféricos lidam com a complexidade de sua realidade social, mas frequentemente transformam essa complexidade em algo acessível e profundo ao mesmo tempo.

Multiplicidade (Calvino) e Conhecimento Pertinente (Morin)

Calvino valoriza a *multiplicidade*, sugerindo que a literatura do futuro deve ser rica em *diversidade* de histórias, perspectivas e significados. As múltiplas vozes sendo ouvidas e validadas.

Morin fala sobre o *conhecimento pertinente*, um saber compreensivo que integra diferentes disciplinas para abordar problemas mundiais e locais de maneira mais eficaz. Conhecer e agir sobre sua realidade.

Poemas periféricos representam essa multiplicidade ao darem voz a grupos historicamente marginalizados e ao tratarem de uma variedade de temas que refletem a vida nas periferias, desde a violência à cultura, ao afeto e à comunidade. A relevância dos temas abordados pelos poetas periféricos dialoga com a noção de conhecimento pertinente de Morin, ao conectar questões pessoais a problemas sociais mais amplos.

Exatidão (Calvino) e Incerteza (Morin)

Calvino propõe a *exatidão* na escrita, a busca por uma linguagem precisa, controlada e eficaz.

Morin nos faz ter em mente a *incerteza* que permeia a ciência e a vida, enfatizando que, embora possamos buscar precisão, devemos sempre estar cientes das limitações do nosso conhecimento. É na Arte que buscamos um consenso ligando ambos.

Poemas periféricos frequentemente transitam entre o uso de uma linguagem exata para retratar o realismo duro das condições de vida e uma aceitação da incerteza do futuro. Essa dualidade pode

ser vista como um reflexo da tentativa de lidar com as adversidades, ao mesmo tempo que buscam novas maneiras de se expressar criativamente.

*Rapidez (Calvino) e
a Era Planetária (Morin)*

Calvino fala da necessidade de *rapidez* do mundo moderno, sugerindo que as estórias e ideias devem ser rápidas em termos de estrutura, acompanhando a agilidade do pensamento contemporâneo.

Morin, por outro lado, enfatiza a Era Planetária, o tempo em que vivemos, em que as informações e acontecimentos do mundo estão profundamente interligados e ocorrem de forma global.

Poetas periférico(a)s, vivendo em um mundo que exige velocidade nas comunicações e nas mudanças, muitas vezes abordam essas transformações aceleradas em suas obras, refletindo a interconexão mundial e as rápidas mudanças que afetam suas realidades locais.

*Imaginação (Calvino), Identidade e
Cidadania Planetária (Morin)*

Calvino valoriza a imaginação, argumentando que ela nos permite construir realidades alternativas, desafiando os limites da nossa compreensão do presente.

Morin fala sobre a importância de uma identidade planetária, onde as pessoas reconhecem sua interdependência mundial e constroem uma cidadania baseada na solidariedade.

Poemas periféricos, muitas vezes vindos de comunidades marginalizadas, usam a imaginação para reconstruir e reivindicar suas identidades, muitas vezes transcendendo as fronteiras geográficas e culturais. Através de sua poesia, eles podem articular uma cidadania global baseada na resistência e na solidariedade com outros grupos marginalizados ao redor do mundo.

Conexão Final

Tanto Calvino quanto Morin oferecem marcos filosóficos e literários que incentivam uma compreensão mais profunda e abrangente do mundo. Os poemas periféricos, com suas raízes na realidade cotidiana e na luta por voz e reconhecimento, podem ser lidos como manifestações criativas desses princípios, usando a leveza, a multiplicidade, a exatidão e a rapidez para enfrentar a complexidade, a incerteza e a conexão mundial contemporânea.

Esta pesquisa interventiva, produto do Mestrado Profissional, exemplifica todos esses dizeres dos poetas reunidos aqui.

Considerações finais

Este trabalho buscou explorar a potencialidade da literatura poética como ferramenta de resistência e transformação no âmbito da educação emancipatória. A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem interventiva que envolveu não apenas a leitura literária, mas também a vivência e a criação poética em contextos educacionais diversos.

Teoricamente, esta dissertação amplia a compreensão da literatura poética não apenas como um meio de expressão artística, mas como um instrumento de resistência cultural e social. Ao ligar literatura canônica com a periférica, o trabalho propõe um diálogo entre a teoria literária e a prática educativa, reforçando a ideia de que a poesia pode ser um estímulo para a emancipação dos educandos. A investigação também destaca a importância da resistência literária como um processo dinâmico, que se manifesta tanto na escolha dos textos quanto nas práticas de leitura e criação, incentivando a formação de sujeitos críticos e engajados.

Na prática, o projeto demonstrou que atividades como o *Slam de Poesia*, visitas a museus, exposições, espetáculos e apresentações autorais são poderosos agentes formativos. Estas práticas, ao serem inseridas no currículo educacional, não apenas enriquecem o repertório cultural dos educandos, mas também promovem uma educação

integral que vai além do ensino curricular. A interação dos alunos com diferentes formas de arte e expressão poética os permitiu vivenciar a literatura de forma ativa, desenvolvendo sua capacidade crítica e criativa, além de fortalecer sua identidade cultural e social.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a resistência de certos professores a adotar práticas diferenciadas de leitura e poesia, como as propostas no projeto AEL (Academia Estudantil de Letras) e *Slam*, surge como um desafio significativo durante a pesquisa de mestrado. Muitos educadores demonstram receio diante dessas metodologias inovadoras, que contrastam com abordagens tradicionais de ensino. Isso pode estar relacionado ao desconforto com novas práticas pedagógicas ou à falta de formação específica para trabalhar com poesia falada e intervenções literárias mais dinâmicas. A introdução de iniciativas como o *Slam*, que envolve uma abordagem performática e participativa da poesia, demanda um envolvimento criativo que nem sempre encontra receptividade imediata no ambiente escolar. A pesquisa busca justamente compreender e propor formas de superar essas barreiras, visando integrar a literaturas, poesia e vivências artísticas de maneira mais envolvente e transformadora nas práticas pedagógicas.

Para pesquisas futuras, sugere-

se a ampliação do estudo, envolvendo um público mais diversos e explorando diferentes contextos educacionais. A criação de um programa de formação continuada para educadores que desejem implementar práticas poéticas e de resistência em suas salas de aula também se apresenta como uma oportunidade relevante, ou até mesmo se tornar um programa da Secretaria Municipal de São Paulo assim como a AEL. Com a pesquisa aqui demonstrada a junção da AEL e do *Slam* se mostraram muito eficiente com crianças e os adolescentes. Outra proposta é a incorporação de novas tecnologias e mídias digitais no processo de criação poética, explorando como essas ferramentas podem enriquecer o repertório literário e potencializar a formação crítica dos educandos.

Por fim, recomenda-se a continuidade de projetos que integrem literatura e outras formas artísticas, consolidando a ideia de uma educação emancipatória que valoriza a diversidade cultural e promove a resistência poética como um caminho para a transformação social. Acredita-se que este trabalho possa servir como um ponto de partida para novas pesquisas e práticas que almejam uma educação mais justa, inclusiva e humanizadora.

Por esse motivo, para uma proposta futura, há o desejo de publicação em

formato de revista dessa pesquisa afim de circular entre professores e se possível rede Municipal e Estadual e quem sabe outros ares.

Estas considerações finais buscam sintetizar as principais contribuições da dissertação, refletindo sobre os seus resultados e apontando caminhos para futuras investigações e práticas educacionais.



Escaneie este QRCode com o celular para acessar o vídeo: *Da resistência à literatura poética à literatura poética de resistência* (YouTube).

REFERÊNCIAS:

- EMEF Arquiteto Vilanova Artigas – Zona Leste de São Paulo. Acervo literário pertencente à Sala de Leitura Carolina Maria de Jesus.
- ASSUNÇÃO, C.A.; JESUS, E.A. de; SANTOS, U. **Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas**. São Paulo: LiteraRua, 2021.
- CANDIDO, Antônio. **O Direito a Literatura**. Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo. Cia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992 DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Perbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. **O que é filosofia**. Trad. Bento Prado Junior Alberto Alonso Munhoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo. Labortexto, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha práxis. Organização de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 12^a ed. Cidade: Editora, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. Diário de uma favelada. São Paulo: Francisco, 1960
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- LUCCHESI, Marco. **Cultura da Paz**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, 2000.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes Marginais na Literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- RÉGIO, José. “Literatura viva”. In: **Revista Presença**, nº 1, 10 de março de 1927.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SILVA, Caio Ruano de. **“A identidade coletiva do Slam Poetry”**. In: **Plural: Revista de Ciências Sociais**. Programa de Pós-Graduação de Sociologia da USP, v. 29., nº 1, 2022, pp. 232-255.
- SILVA, Caio Ruano de; Losekann, Cristiana. **Slam Poetry como confronto nas ruas e nas escolas**. Campinas: Ed. Soc. 2020.
- SOUZA, Adriana Sthefany Nascimento de. **O Poetry Slam de autoria feminina**: o corpo e a voz da mulher como linguagem transgressora e política. Orientadora: Amanda Brito. 2022. 38f. TCC (Graduação). Letras-Português, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode um subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- VAZ, Sérgio. **Ativismo**. Por Eder Fonseca. 18/09213- Registro sonoro. Cooperifa. Sarau da Cooperifa. São Paulo: Itaú Cultural, 2006.1CD



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE SÃO MATEUS
EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS

Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos em Obras de Preservação Histórica

Eu, Gerson Loarre do Rio, assinado e identificado, e responsável legal pelo aluno (a) Jairo Colomina, devidamente matriculado (a) nesta Unidade Escolar, autorizo o uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos do (a) mesmo (a) em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por ele (a) apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas por EMEF ARQUITETO VILA NOVA ARTIGAS com sede à Rua Guarantã s/n – Jardim Sinhá – SP, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, "home vídeo", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus a EMEF ARQUITETO VILA NOVA ARTIGAS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada a **preservação da memória histórica**, em todo território nacional e no exterior.

As obras que utilizarem as imagens, sons, nomes e dados biográficos objetos da presente Autorização, poderão ser disponibilizadas, a exclusivo critério de EMEF ARQUITETO VILA NOVA ARTIGAS através da licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial – compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil, ficando certo que o presente documento autoriza essa forma de licenciamento.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz do (a) aluno (a), ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Nome do Representante Legal:	<u>Gerson Loarre</u>
Endereço:	<u>Padre Baltazar Duarte 38</u>
Cidade:	<u>São Paulo</u>
RG nº	<u>287337906</u>
CPF nº	<u>25097491882</u>
Telefone para contato:	<u>11-946511231</u>

São Paulo, 27 de Novembro de 2023

Gerson Loarre do Rio

Assinatura do Responsável



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE SÃO MATEUS
EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS

Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos em Obras de Preservação Histórica

Eu, abaixo assinado identificado, responsável legal ou estudante maior de idade,
Enzo Daniel Martins Soárez, devidamente matriculado(a) nesta Unidade Escolar, autorizo o uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos do(a) mesmo (a) em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos ele(a) apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas criadas e/ou produzidas por EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS com sede à Rua Guarantã s/n – Jardim Sinhá – SP, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revistas, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão entre outros), internet, Banco de Dados informatizado Multimídia, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica pesquisa e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus a EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada a preservação da memória histórica, em todo território nacional e no exterior. As obras que utilizarem as imagens, sons, nomes e dados biográficos objetos da presente autorização, poderão ser disponibilizadas, a exclusivo critério da EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS através da licença Creative Commons Atribuição-Uso Não Comercial – compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil, ficando certo que o presente documento autoriza essa forma de licenciamento. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz do(a) aluno(a), ou a qualquer outro e assino a presente autorização.

Nome do representante legal:	<i>Enzo Daniel Martins Soárez</i>
RG	<i>35463-01-9</i>
CPF	<i>3482418378-00</i>
Telefone para contato:	<i>11-96353-9506 / 119335-84461</i>
Ano/Etapa:	<i>06</i>
Data:	<i>23/01/2023</i>
Assinatura:	<i>Enzo Daniel Martins Soárez</i>



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE SÃO MATEUS
EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS

Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos em Obras de Preservação Histórica

Eu, abaixo assinado identificado, responsável legal ou estudante maior de idade,
Guilherme Soares de Souza, devidamente matriculado(a) nesta Unidade Escolar, autorizo o uso da imagem, som de voz, nome e dados biográficos do(a) mesmo (a) em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre folhas e documentos ele(a) apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas criadas e/ou produzidas por EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS com sede à Rua Quaranta s/n – Jardim Sinhá – SP, sejam elas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revistas, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão entre outros), Internet, Banco de Dados informatizado Multimídia, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica pesquisa e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus a EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada a preservação da memória histórica, em todo território nacional e no exterior. As obras que utilizarem as imagens, sons, nomes e dados biográficos objetos da presente autorização, poderão ser disponibilizadas, a exclusivo critério da EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS através da licença Creative Commons Atribuição-Uso Não Comercial – compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil, ficando certo que o presente documento autoriza essa forma de licenciamento. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a imagem ou som de voz do(a) aluno(a), ou a qualquer outro e assino a presente autorização.

Nome do representante legal:	<u>Silvana Cristina Soares</u>
RG	<u>29.486.945 - 1</u>
CPF	<u>337.426.498/09</u>
Telefone para contato:	<u>(11) 2703-7126 / 00 97031-6759</u>
Ano/Etapa:	<u>06/11/2023</u>
Data:	<u>Assinatura: Guilherme C. Soares</u>



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
DIRETORIA REGIONAL DE SÃO MATEUS
EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS

Autorização de Uso de Imagem, Som de Voz, Nome e Dados Biográficos em Obras de Preservação Histórica

Eu, abaixo assinado identificado, responsável legal ou estudante maior de idade, Escolar, autorizo o uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos do(a) mesmo (a) em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos ele(s) apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas criadas e/ou produzidas por EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS com sede à Rua Guarantã s/n – Jardim Sinhá – SP, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação impressa (livros, catálogos, revistas, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão entre outros), Internet, Banco de Dados informatizado, Multimídia, "home video", DVD ("dígito para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus a EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada a preservação da memória histórica, biográficos objetos da presente autorização, poderão ser disponibilizadas, a exclusivo critério da EMEF ARQUITETO VILANOVA ARTIGAS através da licença Creative Commons Atribuição-Uso Não Comercial – compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil, ficando certo que o presente documento autoriza essa forma de licenciamento. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou som de voz do(a) aluno(a), ou a qualquer outro e assino a presente autorização.

Nome do representante legal:	Andréia Bento de Sá		
RG			
CPF	065352796156		
Telefone para contato:	1155612070		
Ano/Etapa:	Data:	/ /	Assinatura:

